VULTOS DAS LETRAS GOIANAS

COELHO VAZ

AUTOR CONVIDADO

Para meu amigo e confrade
Adalberto Queiroz,
um pouco de nossa
história.
Abraço do
Romilda -
Go. 15/03/2021

Vultos das Letras Goianas

Coelho Vaz

Vultos das Letras Goianas

Goiânia-GO
Editora Prime, 2019

Copyright © 2019 by Coelho Vaz

Diagramação
Victor Marques

Revisão
Sandra Rosa

Capa
Frei Nazareno Confaloni

Foto do autor
Fernando Cândido

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP
BIBLIOTECA MUNICIPAL MARIETTA TELLES MACHADO

V495v Vaz, Coelho.
Vultos das letras goianas. / Coelho Vaz. - Goiânia: Editora Prime, 2019.

132 p. (Coleção Goiânia em Prosa e Verso 2019)

ISBN: 978-85-400-2926-2

1. Literatura Brasileira – Memórias. I. Título. II. Série.

CDU: 821.134.3(81)-94

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito do autor. A violação dos Direitos Autorais (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2019

Para

Alcione,
Paulo Sérgio, Luciana,
Pedro Paulo, Bruno e Gustavo.
– Plantadores dos nossos caminhos.

"Quero deixar escrita uma confissão,
que a um tempo será íntima e geral,
já que as coisas que ocorrem a um
homem ocorrem a todos."

(Jorge Luís Borges)

Goiânia em Prosa e Verso

A literatura é, assim, um tipo de criatividade histórica contra o esquecimento cultural que vemos nas representações oficiais de nossa cultura. A literatura e a arte são elementos dinamizadores e provocadores das relações sociais, verdadeiros bolsões de resistência, cultural. Apresentar a literatura como fenômeno de resistência tanto social como literária e cultural, exige, de certo modo, uma atenção às relações sociais e culturais nela presentes em tensão constante.

Iniciada em 2006, a Coleção Goiânia em Prosa & Verso objetiva estimular a escrita e a leitura de obras literárias e se consolida como uma forma democrática de escrever /publicar e ler. Considera a literatura como traço fundamental de expressão coletiva que, por meio da escrita, busca a veiculação criativa de seus conteúdos culturais. Assim, a coleção *Goiânia em Prosa* & *Verso* favorece o acesso à publicação de autores novos, dá visibilidade à escrita fora dos ambientes acadêmicos e guetos editoriais de mercado, dando voz àqueles que desejam expressar-se culturalmente por meio literário.

Alguns autores se perguntam, pensando na pluralidade de culturas, nas relações horizontais entre os povos, mediante as hierarquias estabelecidas pelo poder que uns pretendem exercer sobre os outros: que grupo tem o direito de definir, em lugar dos outros, aquilo que deve ser significativo para eles? A publicação de autores iniciantes e já consagrados é, também, um estímulo ao aprendizado e ao encontro.

O grande escritor não é um conformista com a situação de seu tempo, pois, em prosa ou em versos, intui diálogos de um período histórico que o senso comum não percebe. O texto literário não só reage aos fatos históricos, mas propõe novas visões sobre os acontecimentos. O Goiânia em Prosa & Verso mostra que o olhar literário pode ser reflexivo sem deixar de ser divertido.

Kleber Adorno

Mais que Prosas e Versos

Marca registrada da mesma prefeitura que realiza os nacionalmente inéditos mutirões nos bairros da cidade, a Coleção Prosa & Verso, da Secretaria Municipal de Cultura de Goiânia – e seus parceiros – chega à sua 9ª edição. É, portanto, um projeto já maduro e consagrado, que fomenta a produção literária goianiense e desperta crescente interesse mundial pela sua ousadia.

Foram 1.213 títulos publicados, com a significativa média de 135 títulos lançados de uma só vez, em eventos sempre marcantes. Agora, a Coleção estabelece novo recorde de títulos simultâneos, com uma diversidade de autoria que faz dela uma ação afirmativamente democrática e legitimamente representativa do poder criativo da cidade na qual se insere.

Nesta edição, registre-se a homenagem transversal àquele que foi marco zero das artes visuais em Goiás, frei Nazareno Confaloni. No ano em que a mesma gestão pública põe fim a uma espera de 40 anos e inaugura o seu Museu em local estratégico da cidade (Estação Cultura, em 10/05/2019), ele é revivido nas capas de todas as criações literárias desta fornada com imagens das obras colhidas no seu raisonné, que segue em processo.

Eis aqui uma feliz convergência de talentos. Um ramalhete de luzes colhido no pulsar do nosso tempo presente. Merece o devido reconhecimento e a devida celebração.

Px Silveira

Sumário

Altamiro de Moura Pacheco – *um goiano ilustre* 11

Bernardo Élis – *e a poesia moderna em Goiás* 23

Demóstenes Cristino – *figura cativante* 35

Gastão de Deus Victor Rodrigues – *poeta e juiz de Direito* ... 43

Humberto Crispim Borges – *importante escritor goiano* 61

José Lopes Rodrigues – *Vibrações* 75

José Mendonça Teles – *um amigo de longes datas* 85

Ursulino Leão – *O prosador goiano* 97

Zoroastro Artiaga – *O grande historiador goiano* 105

Altamiro de Moura Pacheco

– um goiano ilustre –

Altamiro de Moura Pacheco

– um goiano ilustre –

Imaginei que, nesta noite memorável, nesta solene ocasião, neste casarão, onde por muitos anos viveu o escritor, político e médico humanitário, Altamiro de Moura Pacheco, pudesse estar presente, lembrando acontecimentos importantes, nesta casa – alguns registrados nos anais da história goiana – com seus passos cadenciados, sempre vestido de terno escuro, camisa branca, alvíssima, gravata mais para as cores preta ou avermelhada, óculos escuros, visando suavizar a vista já cansada.

Imaginei-o descendo e subindo a escadaria desta sala, a principal, recebendo amigos, jovens estudantes, pesquisadores e estudiosos da memória política e social brasileira, folheando e anotando em sua rica biblioteca, com aproximadamente 10 mil títulos de uma severa seleção de importantes e raros livros de gêneros diversos.

Rememorei, também, às vezes que adentrei-me nesta casa solitária, ouvindo Altamiro de Moura Pacheco com sua inteligência e erudição, relatando os assuntos e acontecimentos vividos no interior goiano, sua terra natal, Bela Vista de Goiás e, depois, a tradicional e centenária Bonfim, hoje Silvânia.

Falava-me com um carinho pincelado da lembrança e do afeto que nutria pelo pai, Francisco Domingos Pacheco, que o deixou para sempre, quando tinha apenas treze anos, primogênito, assumindo com a mãe, Genoveva de

Moura Pacheco, o trabalho e a educação dos irmãos menores.

Altamiro de Moura Pacheco

Nascido no dia 15 de março de 1896, ao completar 4 anos de idade, o pai transfere residência, com a família, para a cidade de Bonfim, com o pensamento de aumentar seus negócios, com vistas à facilidade de melhorar e propiciar aos familiares, condições de estudo e aumento no conforto de todos.

De início, sua casa em Bonfim, localizada na Rua Direita, defronte à Escola Pública Municipal, era assobradada, grande conforto para a família, quintal com grande variedade de árvores frutíferas e, mesmo estando próximo à escola, foi o pai seu primeiro professor.

Aos 7 anos de idade, é matriculado na Escola Pública Municipal, dirigida pelo professor Benedito de Souza, o qual qualifica o aluno como um dos melhores da Escola, pela inteligência, disciplina e amor à leitura. Em seguida, a seu pedido, é matriculado e passa a estudar no Colégio Xavier de Almeida, de propriedade e direção do professor Antônio Euzébio de Abreu Júnior.

Com a morte prematura de seu pai, ocorrida no dia 8 de junho de 1909, logo depois o latinista e conhecedor

profundo do tupi-guarani, professor Antônio Euzébio, prático em Farmácia e Medicina, ensinou ao seu discípulo, o talentoso Altamiro, a prática da manipulação, tão comum naquela época nas cidades interioranas do Brasil Central.

Com os pendores desde a infância de bom economista e grande visão de futuro, Altamiro, com parcos recursos, adquiriu de Ozório Antônio de Abreu, seu próprio negócio, ou seja, uma pequena botica, cuidando e zelando da saúde da população bonfinense.

Desde a infância, sonhava em ser médico e já exercendo a profissão de farmacêutico prático, diplomou-se com brilhantismo, no ano de 1928, na cidade de Vila Boa, no curso superior de Farmácia, sendo orador da turma da recém-instalada faculdade na velha capital do Estado.

Para concretizar o sonho de criança, buscou na Faculdade de Medicina de Niterói, o diploma de médico, colando grau em 18 de setembro de 1933, profissão que exerceu por muitos anos em Bela Vista de Goiás, Silvânia e outras cidades, quando transfere residência, em 1936, da terra de seu nascimento para a nova capital do Estado de Goiás e funda o Instituto Médico-Cirúrgico de Goiânia, na Rua 3, esquina com Av. Araguaia. Mais tarde, depois de vários anos de profissão, em 1954, vende o Instituto com todas as instalações ao conceituado médico goiano, Francisco Ludovico de Almeida Neto.

Em seguida, funda a Sociedade Goiana de Pecuária, local onde foram realizadas as primeiras exposições de gado de Goiânia e, ao mesmo tempo, ele procura introduzir no Estado bovinos de alta linhagem.

Líder inconteste dos produtores rurais de Goiás, achou por bem criar o Banco Agro-pecuário de Goiás S/A, que teve a adesão de muitos pecuaristas do Estado, dando sustentação à mais nova casa de crédito de uma classe que, a partir desse acontecimento, deu origem ao embrião da união em favor dos interesses classistas da pecuária goiana.

Com nome em ascensão, perfil de homem honesto, corajoso e carregado de ideal, candidata-se ao posto de governador dos goianos, na sucessão de Jerônymo Coimbra Bueno. Aceitou o desafio e percorreu todo o Estado, esclarecendo o seu plano de governo, caso viesse a ser eleito. Ventos fortes sopraram contra o seu trabalho e ideal, não conseguiu eleger-se ao mais alto posto do Executivo do estado de Goiás.

Leitor compulsivo, aos poucos foi adquirindo livros de toda natureza, técnicos, de medicina e de literatura em geral, formando uma magnifica biblioteca em sua residência.

Em 1968, publica sua primeira obra *Civismo em Ação;* nela, enfeixou diversos discursos por ele selecionados, verdadeiras obras-primas de um grande e luminoso vernaculista.

Altamiro de Moura Pacheco tem estilo próprio de escrever. O seu português é de uma limpeza cristalina, bela e pura,

respeitando e valorizando a língua portuguesa, conquista adquirida desde os primeiros anos de bancos escolares, graças aos seus eméritos professores.

Depois, vieram: *Rochedo e ferrolho*, *Discursos,* ambos de 1968; *Realidade e ficção*, 1972; *A industrialização do boi e seu habitat*, 1972; *Sonhando com minha terra*, 1974; *Xavier de Almeida, meu Patrono*, 1974. Graças à sua inteligência, à sabedoria, à arte de escrever de verdadeiro intelectual, cioso na perfeição do ofício, do valor temático, característica do enriquecimento do trabalho, em sua caminhada, recebeu o convite para pertencer aos quadros do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e da Academia Goiana de Letras.

Sua obra literária foi recebida pela crítica com elogios pelo seu estilo, valor da forma, relatos de profundo conhecedor das terras goianas, frente às suas produções literárias. Como homem público e amante da literatura, a escritora Rosarita Fleury publicou uma rica biografia desse mecenas das artes, que sempre incentivou os novos para seguir o caminho da sabedoria e da dignidade humana.

Pelo seu entusiasmo e defendendo a tese da mudança da capital federal para o centro do País, mais precisamente no quadrilátero Cruls, em Goiás, o governador José Ludovico de Almeida o designou membro e presidente da comissão de cooperação para mudança da capital federal, função que desincumbiu com muita responsabilidade, peculiar de sua formação, e ganhou a estima pessoal do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira.

Ao longo de sua vida, construiu, graças ao seu trabalho, um patrimônio respeitável e, num gesto de mecenato, fez doação desse sobrado, localizado na Av. Araguaia com a Rua 15, à Academia Goiana de Letras, mediante cláusula

post mortem, assinando a escritura o então presidente José Mendonça Teles e o proprietário, com todos os bens nelas existentes, inclusive a rica biblioteca, que hoje serve de consulta aos historiadores e pesquisadores.

Preocupado com o ensino superior, Altamiro ocupa a presidência da Sociedade Faculdade de Medicina de Goiás, ao lado de diversos médicos residentes em Goiânia e foi responsável pela sua criação, hoje, pertencente à Universidade Federal de Goiás.

Após completar 100 anos e quase três meses de existência, o médico e escritor Altamiro de Moura Pacheco, faleceu em Goiânia, cidade que ajudou e viu crescer, no dia 10 de junho de 1996, deixando seu nome gravado nos anais da história brasileira, pelo trabalho em favor do povo goiano e, também, um dos baluartes para o nascimento e crescimento de Brasília.

Transcrevo aqui, as palavras do confrade e ex-presidente da Academia Goiana de Letras, o escritor Modesto Gomes, que diz o seguinte:

> *Escritor, membro desta academia e do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, Moura Pacheco entrou para a galeria dos mecenas. E seu feito maior, no particular, é a doação desta casa, onde viveu grande parte dos 100 anos de sua existência, à Academia, que sempre dignificou com sua presença.*

DISCURSO PROFERIDO A 10 DE SETEMBRO DE 1950, EM CATALÃO

Ao visitar Catalão — atalaia gloriosa da fronteira — terra da inteligência e da cultura goianas, onde brilharam o nomes estelares de Bernardo Guimarães, Roque Álvares de

Azevedo (o popular Roquinho), Alceu Vitor Rodrigues, Hygino Rodrigues, Ricardo Paranhos e Gastão de Deus — só para citar os mais antigos — o meu pensamento se volta, de início, naturalmente, para o problema educacional das futuras gerações deste povo altivo e heroico, em cujo seio tenho implantadas as raízes de meu sangue.

Educar, senhores, não é, apenas, ensinar a ler e a escrever. É algo de mais complexo. A moderna pedagogia encara o problema de modo integral, regulando a educação da cabeça com a do braço, a da alma com a do corpo, compreendidas a higiene e a profilaxia; em suma: educação física, intelectual, moral e religiosa.

Se é verdade que Catalão, em tal sentido, se tem adiantado bastante, dada a excelência de seus estabelecimentos de ensino e os rudimentos de mecanização de sua lavoura, não menos certo é que muito há que se fazer ainda, no sentido de proporcionar à sua juventude maior número de escolas rurais, segundo ciclo colegial e, pelo menos, um estabelecimento de ensino agropecuário.

Volvendo as suas vistas para a lavoura e pecuária de Catalão, Goiás está assegurando sua própria economia.

Do município cujas origens remontam aos dias gloriosos das primeiras bandeiras, ainda no começo do século dezoito, não pode insular-se o Estado. Se o espanhol, que lhe deu nome, abandonando Anhanguera, aqui ergueu sua tenda — estaca zero dessa civilização de que se orgulha Goiás, fê-lo porque mais do que as pepitas de ouro — ímã que atraía as bandeiras sertões adentro — empolgaram-no e seduziram-no a uberdade e possibilidades incontáveis do solo de Catalão.

E nos empolga e seduz a terra em que o trabalho é princípio elementar e dever sagrado do homem, desse homem que, conforme revela a estatística, em 1918, produziu cento e vinte mil sacas de arroz, oitenta e três mil sacas de milho e setenta e duas mil sacas de feijão, sem falar em outros artigos.

E notamos que essa produção que poderá ser grandemente aumentada através da lavoura mecanizada, está bem tralhada a ser fonte de um grande parque industrial.

Sim, se Catalão já apresenta alto índice industrial, o que não se dizer no dia em que a industrialização de seus produtos puder ser "in loco", generalizada com o aproveitamento hidráulico?

Aí estão clamando pela ação do homem o que da providência prodigamente herdastes: referimo-nos às vossas cachoeiras do "Mata Padre", "Douradoquara", "Funil" e tantas outras que somam uma energia aproximada de duzentos mil cavalos-vapor

Desnecessário seria desdobrar nos vossos olhos todo um programa de governo, apontando cada uma das necessidades locais e os correspondentes remédios.

Homem do povo, e tendo me dedicado, desde os mais verdes anos, ao estudo de economia goiana, conheço as vossas necessidades como se as sentisse em minha própria carne; sem jactância vos afirmo que, mesmo dentro dos nossos apoucados recursos financeiros, podem ser elas supridas sem maior detença.

A vossa hospitalidade me comove e encoraja nesta memorável campanha, a caminho da vitória.

Ao agradecer-vos a estrondosa manifestação de apreço e carinho com que me honrais, de uma cousa podeis ficar

certos: eleito, certamente, para o alto posto de Governador do Estado, o destino de Catalão será uma das primeiras e constantes preocupações.

Ao nobre povo catalano, aqui deixo a expressão do meu mais profundo agradecimento.

Referências:

BORGES, Humberto Crispim. *Retrato da Academia Goiana de Letras*. Editora Oriente. Goiânia, 1977.

VAZ, Coelho. *Academia Goiana de Letras (História e antologia)*. Ed. Kelps. Goiânia, 2008.

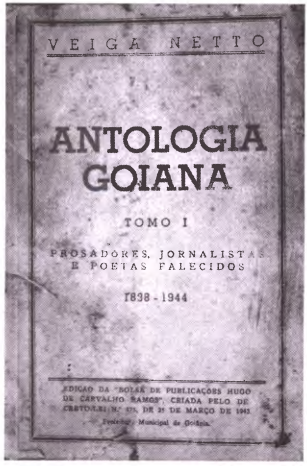
Bernardo Élis

– e a poesia moderna em Goiás –

Bernardo Élis

– e a poesia moderna em Goiás –

Quando o prefeito de Goiânia, professor Venerando de Freitas Borges, criou, em 1943, a Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, não esperava que estaria contribuindo para ascenção da literatura brasileira feita em Goiás.



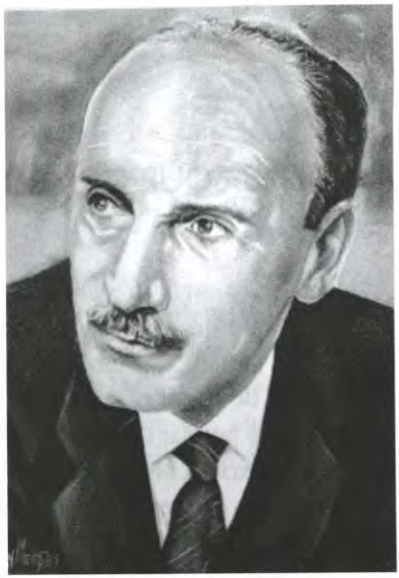
Um ano após a criação da bolsa, o seu secretário, Bernardo Élis, concorria com o livro de contos *Ermos e Gerais*, ao lado do pesquisador e historiador Veiga Netto, com sua *Antologia Goiana*, ambos premiados.

São mais de cem títulos publicados pela bolsa e sem nenhum favor, representa uma das grandes premiações e conquistas do Centro-Oeste. Basta lembrar que o vencedor, hoje, além da obra editada, recebe vinte salários mínimos.

Acontece que o escritor, Bernardo Élis, no seu primeiro livro, publicado e aceito pela crítica nacional, recebeu, também, uma carta profética e elogiosa de Monteiro Lobato.

Nascido em 15 de novembro de 1915, em Corumbá de Goiás, filho do poeta Erico Curado e Marieta Fleury de Campos Curado, ambos descendentes de tradicionais famílias goianas.

Teve sua infância cercada da austeridade por parte do pai e pelo carinho da mãe Como qualquer criança da época, frequentou os poços dos rios próximos à sua cidade natal. A liberdade e o espaço foram conquistados na solidão daquele tempo.



Bernardo Élis Fleury de Campos Curado

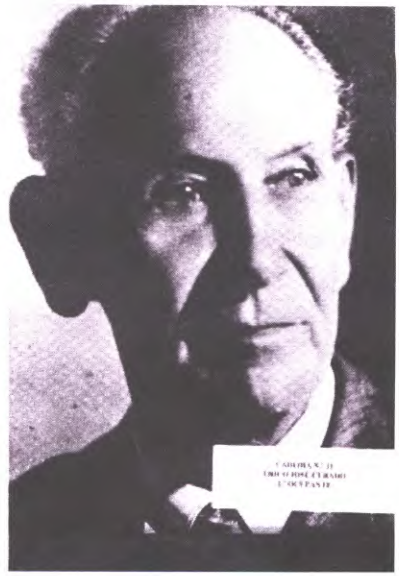
Dono de senso de observação, firmou sua presença literária no tema social, casando-se com o regional, seguindo, assim, o caminho iniciado pelo goiano Hugo de Carvalho Ramos.

Surgiram outros livros com mais força que os primeiros, demonstrando sua inteligência, aprimorando o processo criativo e técnico do seu trabalho e focalizando, com apuro, os hábitos, o folclore, os animais, os causos da região, com beleza de linguagem e estilo.

Como qualquer ser humano, Bernardo Élis, em sua mocidade, num lampejo de uma década, foi poeta. E poeta dos bons, sendo que a primeira e única edição de *Primeira Chuva*, aconteceu no ano de 1955, publicação da Tipografia e Encadernação da Escola Técnica de Goiânia, hoje Instituto Federal, com uma tiragem de mil exemplares, quando ele era, também, professor, naquele estabelecimento educacional.

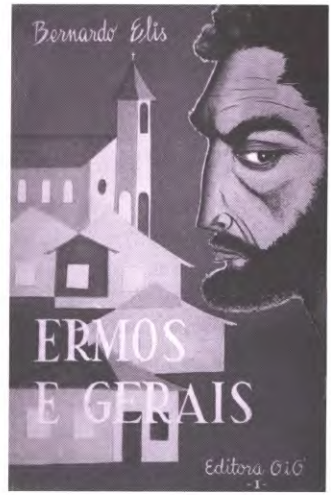
Esclarece que são poesias escritas e publicadas nos jornais de nosso Estado no período de 1933 a 1943.

Filho de um brilhante poeta, Erico Curado, que nasceu na velha Meia-Ponte, hoje Pirenópolis, e que, mais tarde, por razões outras, transferiu-se para a cidade de Corumbá de Goiás, onde nasceu o filho Bernardo Élis.



Erico Curado, pai de Bernardo Élis

Se por um lado, o autor de *Ermos Gerais*, na mocidade, de seus 18 a 28 anos, burilou poemas modernos, por outro lado, traz em suas veias a herança poética de seu saudoso pai, que nos legou dois bons livros. O primeiro, *Iluminuras*, 1913 (publicação Dupart & Cia., São Paulo), contendo 64 páginas. O segundo, *Poesias,* 1956 (publicação pela *Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos*), composto e impresso pela Gráfica da Revista dos Tribunais de São Paulo.

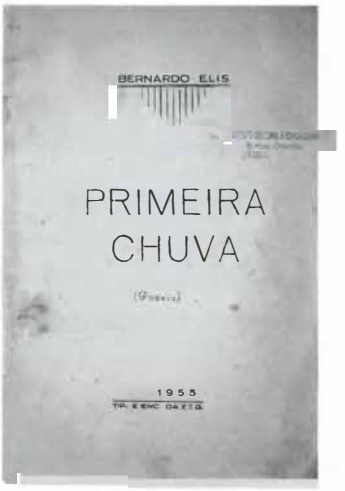


Erico Curado pertenceu à Escola Clássica, usando linguagem simples, segura, clara e harmoniosa, sem nunca aproveitar dos abusos da liberdade que, às vezes, a poesia proporciona ao escritor.

Bernardo Élis pela competência e disciplina na arte de escrever e pelo seu trabalho literário reconhecido pela crítica, conseguiu ocupar uma Cadeira na Academia Brasileira de Letras. Diga-se de passagem, até a presente data, é o primeiro e único goiano a ter assento na Casa de Machado de Assis.

O autor do consagrado *Veranico de Janeiro,* em seu único livro de poesias publicado, trouxe para a literatura goiana uma grande contribuição dentro do alvorecer do modernismo. Não quis seguir o pai pelo caminho do cunho clássico do simbolismo. Preferiu a verdejante estrada do movimento do ano de 1922, da Pauliceia brasileira.

Seguiu os passos de Léo Lynce, *Príncipe dos poetas goianos* e introdutor do modernismo em Goiás. Podemos assim dizer, um dos incentivadores da poesia moderna dentro da literatura produzida pelos goianos e vem à luz a publicação de seus poemas em diversos jornais e revistas da época, depois, em um volume, surge: *Primeira Chuva.*



O primeiro poema, batizado com o título do livro, é o seguinte:

Quentura de noite pejada de nuvens baixas e negras.
Bambos bamboleios de trovão soturno
batendo o tímpano bambo da zabunda do horizonte.

Trovão apagado,
saudoso,
distante.

Depois a chuva caindo em grossos pingos
sobre os telhados,
na poeira ressequida das estradas,
na terra requeimada das queimadas,
deprendendo um cheiro forte de gestação.

(Mamãe molhava algodão em cachaça canforada
e nos dava para cheirar:
— Cuidado com defluxo!)

Amanhã, tudo vai começar de novo:
as folhas voltarão aos galhos secos,
as águas resmungarão nas grotas mortas,
os pássaros do céu hão de cantar no cio...

E aquela que partiu por que não volta?)
lá fora uma goteira numa lata pinga,
pingo a pingo,
pengue,
pengue,
numa toada monótona de preta que minasse.
pengue,
pengue,
pingo a pingo.
(e aquela que partiu?
por que não volta?).

Tem poemas assim, lírico e agradável, como "O Rêgo"

Queriam canalizar
as águas pro monjolo,
mas o que abriram foi o rêgo do céu.

Agora,
amanhã fugiu do céu
e veio morar dentro do açude.
De tarde,
o céu entorna o crepúsculo do açude,
cujo silêncio paralítico,
os sapos espetam
com canafístulas de gluglus.

As estrelas lavam roupa de luz
nos espraiados.

Já houve até quem visse anjos
— muitos anjos — voando
nas asas dos pirilampos.

Foi desse jeito,
que os homens escravizaram um retalho de céu,
amarrando-o ao rabo do monjolo.

Mais tarde, em 1965, Bernardo Élis, em dados biográficos para a *Editora José Olympio*, comenta a respeito de um de seus poemas publicado em *Primeira Chuva,* que teve como título "O homem que fazia anos no dia sete de setembro".

Dentro desse reflexo de criança confessa o nosso poeta que: A mim, que faço anos no dia 15 de novembro, meu pai contava uma lorota. Como nesse dia, em Corumbá de Goiás, a banda saísse pela rua em matinas, arrebentavam foguetes no ar, hasteavam bandeira nacional na cadeia e no telégrafo. Meu pai dizia que os festejos eram por minha causa e por minha honra. Certamente que eu ficava encabuladíssimo, pois era uma das únicas pessoas a ter seu aniversário tão festejado. Digo uma das únicas, por que meu irmão mais velho era do dia 13 de maio e também ele ganhava banda e bandeira.

Mais tarde, tive conhecimento da verdade, isto é, que 15 de novembro e 13 de maio eram datas nacionais. Parece que tal conhecimento não trouxe complicações. Pelo menos, por mais que rebusque, nenhum sinal descubro na alma; contudo, em 1939, escrevi um poema, no qual aflora, talvez inconsciente, um certo amargor por esse fato de infância.

Eis o poema "O homem que fazia anos no dia sete de setembro".

No dia de meus anos
a bandinha saía pra rua de madrugada,
tocando matinas.
A gente acordava com o estrondo dos foguetes,
espantando os morigerados pombos da torre da igreja.

Botavam bandeira na Prefeitura,
no correio,
na cadeia.
Havia discursos, passeatas, etc.
— Tudo por sua causa — dizia meu pai.
Eu ficava intrigadíssimo,
porque ninguém mais era igualmente festejado.

Hoje, como conheço história do Brasil,
mudei a data de meus anos,
que é o dia mais triste do mundo.

Escritores José Mendonça Teles, Bernardo Élis e Geraldo Coelho Vaz na janela da casa onde nasceu Bernardo, em Corumbá de Goiás (1993)

A temática de Bernardo Élis, que diz respeito aos seus poemas, refere-se comumente ao quotidiano regional. A maioria de suas poesias tem como cenário a centenária Vila Boa. Recorda a antiga capital do Estado, a cantilena dos vendedores de bolo de arroz, canta as ruas da Abadia, da Fundação, Casa de Pólvora, a Bica do Rei, o Palácio Conde dos Arcos, os morros, a Serra Dourada, o Largo da Forca, onde aparecem assombrações e outras partes pitorescas da cidade de Goiás.

Assim é o poema "O Poço do Bispo"

Não bole uma só folha de mangueira.
O sol cai vertical,
sufocante de calor.

Que vontade de tomar banho no poço do Bispo,
dar um de-ponta no tope da gameleira
e depois ficar olhando as lavadeiras bater roupa
nas pedras polidas do rio.

Ao final desse poema, o nosso poeta Bernardo Élis maliciosamente deixa uma interrogação de desejo, quanto às *lavadeiras bonitinhas.*

Que vontade...
Tanta lavadeira bonitinha.

Assim, efetivamente, Bernardo Élis Fleury de Campos Curado que tinha foquetes, bandeiras e discursos pelo seu aniversário, bom brasileiro e bom contista, foi também na época de sua mocidade, um reconhecido poeta, que muito contribuiu para a poesia moderna de Goiás.

Referências:

BORGES, Humberto Crispim. *Retrato da Academia Goiana de Letras*. Ed. Oriente. Goiânia, 1977.

TELES, Gilberto Mendonça. *a Poesia em Goiás*. Editora da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 1964.

TELES, José Mendonça. *Dicionário do Escritor Goiano*. Editora Kelps. Goiânia, 2011.

VAZ, Coelho. *Academia Goiana de Letras (história e antologia)*. Ed. Kelps, 2008.

Demóstenes Cristino

– figura cativante –

Demóstenes Cristino

– figura cativante –

Demóstenes Cristino nasceu no município de Guaratinga, no estado de Minas Gerais, no dia 14 de julho de 1894, filho de José Cristino da Silveira e de Leonarda Quintino Cristino, e faleceu na cidade de Ipameri no dia 18 de abril de 1962, onde foi sepultado. Poeta, estreou com o livro *Musa Bravia,* de poemas modernos, editado pela Gráfica Nova Era Ltda., do Rio de Janeiro, e apresentação do próprio autor.

Formatura de Demóstenes Cristino

Veio para Ipameri, onde morou por muitos anos e trabalhou sempre na profissão de dentista. O jornal *O Ipameri*, de 23 de janeiro de 1944, sob a direção do advogado Benedito Vaz e do jornalista Joaquim Rosa, publica o seguinte comercial:

> Dentista Cristino (diplomado pelo Granbery). Tem o curso de dentaduras com o professor Aldo Vandi, a maior autoridade no assunto em nosso país.

> Dentaduras artificiais que se confundem com as naturais! Segurança absoluta da inferior. Trabalhos modernos de pontes, pivots, incrustações e restaurações, o material que revolucionou a prótese dentária do mundo inteiro. Tão duro como ouro, tão branco como dente! Orçamento – 10.00. Horário: das 8 às 11, das 2 às 5 – Rua Mal. Floriano, 506, Ipameri, Estado de Goiás.

Era mais intelectual que profissional. Lia muito, escrevia e anotava tudo. Figura humilde e cativante. Gostava de debates e conversas calorosas, onde impunha sempre o seu ponto de vista e doutrinava o amor pela vida nos pequenos gestos. Sentia a vida no cantar de um pássaro, no despontar de um novo dia e no sorriso da primavera. Inteligente e comunicativo.

Certa feita, encontramo-nos e ele me perguntou qual a palavra mais bonita que existia no idioma pátrio. Assustei-me com tal pergunta à *queima-roupa* e embaracei-me todo. Sorridente, Demóstenes Cristino afirmou:

— *Ternura.*

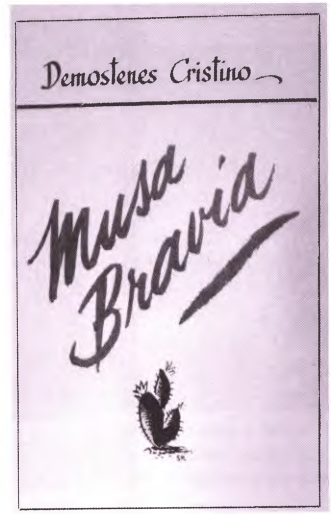
Fez o poeta uma apologia a respeito da palavra. Dizia que se resumia nessas sete letras tudo aquilo que chamamos de amor, carinho e poesia. E com essa palavra seguimos noite adentro numa animada palestra.

A poesia modernista de Demóstenes Cristino, em sua obra literária, *Musa Bravia,* enfeixada em livro no ano de 1949, mas, confessado pelo autor, escritos por volta da década de 40, vem agora a público, em 2ª edição, graças aos esforços da família, principalmente pela neta, Vânia Cristina Cristino.

É um poeta de versos espontâneos, simples, com espírito de um humor moderno, explorando uma temática

com liberdade, só alcançada pelo prazer da liricidade e recreação.

Algumas vezes, sua poesia surge de maneira nostálgica, nos moldes verde-amarelo, tão comum na época e abraçada pelos poetas contemporâneos.



Mas é na poesia satírica e humorista, que Demóstenes Cristino melhor se expressa com toda liberdade e potencialidade na criação, no dizer do poeta Gilberto Mendonça Teles.

Segundo o jornalista Joaquim Rosa, sobre *Musa Bravia:*

> *Um crítico já disse que Demostenes Cristino não tem escola literária, hesitando entre o parnaso e o modernismo.*
> *Que o lê não pensa em escolas, correntes passadistas ou modernistas. Pensa na poesia simplesmente, porque Demostenes Cristino é poeta de verdade. Seus versos são completos. Forma, ideia, espontaneidade, humor, filosofia, tudo o que existe neles. Versos que despertam emoção, versos que ficam.*

Seus poemas são livres e não importando com a métrica ou com as rimas. O importante é sentir o verso, a maneira como sua *Musa Bravia* ditava. Talvez, essa fosse a razão para o título de sua obra.

Entre os seus poemas mais aplaudidos, figura *A RAÇA*, conhecido nacionalmente e recitado, não só no Brasil, mas também em outros países de língua portuguesa.

Então vejamos:

O brasileiro traz dentro de si
um português, um negro e um índio guarani.

O luso deu-lhe a fibra audaz, arrejadiça
e a fidalguia própria dessa raça;
o bugre, a natureza apática, a preguiça,
o amor à pesca, a inclinação à caça.
No excesso de carinhos e de zelo,
reflete do africano o doce coração
e, às vezes dos cabelos
aquela permanente andulção...

Em harmonia vivem sempre os três:
enquanto o negro bebe e o guarani batalha,
o pobre português
trabalha.
Mas, ai! se no esplendor da graça,
quebrando as ancas em lascivo jogo,
uma mulata passa:

O negro dança,
o bugre pega fogo,
e o português... avança!

Comenta-se que, em um dos teatros do Rio de Janeiro, o artista e humorista Grande Otelo, ao declamar "*A Raça*", declarou ser o poema de autor desconhecido. Estava na plateia, uma ipamerina que, gritando, chamou a atenção

de todos e resolutamente informou ser *"A Raça"* de autoria de Demóstenes Cristino e que o poeta residia em Ipameri, Estado de Goiás.

Mais tarde, em 1960, o nosso poeta, que também foi excelente trovador, publica, por uma editora na cidade de Ipameri o livro *Trovas*, com 128 páginas, numa justa homenagem a Luiz Otávio e ao prefeito daquela época, Joaquim Gonzaga. Presume-se que a edição tenha sido financiada pela municipalidade. Por outro lado, sabemos também que o autor fez uma lista de amigos, levando o livro, casa por casa, para que eles pudessem adquiri-lo. A capa é um trabalho do artista plástico ipamerino, José Edgard de Oliveira, e *Trovas* é um livro de pequeno formato, onde o autor, com beleza e simplicidade, encontra-se na galeria dos melhores trovadores brasileiros.

Colhemos do livro as seguintes trovas:

Tudo passa neste mundo.
Passa o amor, passa a desgraça,
Passa o desgosto profundo,
Só a saudade não passa.

Teu abraço apertadinho
Pregou-me um susto danado.
— Pensei que fosse um tourinho
Que me tivesse chifrado...

Do joão-de-barro, partida,
A casa encontrei no chão.
Eu também sonhei na vida,
— E os meus sonhos, onde estão?

É bom lembrar que o autor de *Musa Bravia*, era avô de Yêda Schmaltz, escritora, poetisa e que deixou seu nome registrado nos anais da história literária com diversas obras, algumas das quais, com premiações.

Desmóstenes Cristino era colaborador dos jornais de Ipameri, onde assinava crônicas semanais. Colaborou, ainda, com jornais do Triângulo Mineiro e de Goiânia. Focalizava geralmente fatos do cotidiano, que satirizava com sabedoria, aspectos da vida diária e da sociedade ipamerina. São livros lançados em novas edições em homenagem a Demóstenes Cristino, Patrono da Cadeira número 30, da Academia Goiana de Letras.

Parabéns à família e aos que incentivaram e lutaram para concretizar tal intento.

Referências:

GALLI, Ubirajara. *Pai e Filho – Demóstenes Cristino e Leonardo Cristino – Além dos livros*. Ed. Kelps. Goiânia, 2014.

TELES, Gilberto Mendonça. *A Poesia em Goiás*. Editora da Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 1964.

VAZ, Coelho. *Academia Goiana de Letras (história e antologia)*. Ed. Kelps. Goiânia, 2008.

Gastão de Deus Victor Rodrigues

– poeta e juiz de Direito –

Gastão de Deus Victor Rodrigues

– poeta e juiz de Direito –

Gastão de Deus Victor Rodrigues

Gastão de Deus Victor Rodrigues é o Patrono da Cadeira número 06 da Academia Catalana de Letras, fundada por Cornélio Ramos e com a colaboração de Primo Neves da Mota Vieira, conhecido literariamente por Monsenhor Primo Vieira, e pelo poeta Júlio Pinto de Melo, no dia 18 de junho de 1973. Instalada no aniversário de Catalão, 20 de agosto do mesmo ano, com a solenidade de estilo e merecidamente, no Salão de festas do Clube Recreativo e Atlético Catalano (CRAC), com a presença de autoridades e da sociedade catalana.

A Academia, pela Lei nº 42, de 26 de novembro de 1979, é reconhecida de Utilidade Pública Municipal, sancionada pelo então prefeito, Divano Elias da Silva e com a assinatura da secretária, Shirley Horta Batista, lavrado às fls. 37 do Livro nº 9 de Registro de Leis Municipais.

É uma entidade cultural prestes a completar o cinquentenário de fundação. E ela está viva e participa de todos os acontecimentos culturais da cidade.

Todo esse preâmbulo é para dizer que eu sou sócio-fundador da Academia, e meu patrono é o catalano Gastão de Deus Victor Rodrigues, uma das figuras mais representativas da área literária de Goiás do início das duas primeiras décadas do século XX.

Nasceu na centenária cidade de Catalão, no dia 08 de março de 1883, filho de Francisco Victor Rodrigues e de Felicidade da Silveira Rodrigues.

Desse casamento entre Chiquinho Manco e dona Dadinha, como eram vulgarmente conhecidos por todos e, também, na intimidade familiar, nasceram 14 filhos, os quais, foram os primeiros catalanos a obter curso superior nas Universidades do Rio de Janeiro, São Paulo e Goiás, antiga capital do Estado. Sua prole, pela ordem: Jozias Leopoldo, Maria Leopoldina, Arminda I, Alceu, Virgílio, Cristiano, Arminda Francisca do Amor Divino, Leopoldo Jozias, Benvinda Benildes Danaé, Zenaide Iluminata, Marietta, Isabel e Gastão de Deus. Desses filhos, 5 faleceram criança, Maria Leopoldina, Arminda I, Virgílio, Marietta e Isabel.

Dona Dadinha, muito virtuosa e religiosa, recebeu a morte dos filhos na primeira infância com resignação, ao contrário do marido que, muitas vezes, revoltado com o acontecimento, blasfemava da sua sorte.

O pai de Gastão (mesmo nome do avô), foi chefe político em Catalão, coronel da Guarda Nacional, nasceu no dia 03 de dezembro de 1830 e faleceu em sua terra natal, Catalão, em 16 de setembro de 1893, sempre preocupado com o progresso e desenvolvimento de seu torrão natal, tanto que,

em 1881, a pedido e encaminhado à Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, escreveu a primeira história de Catalão de que se tem notícia, sob o título: *Descrição do Município de Catalão, Comarca do Rio Paranaíba.*

Ele era filho de Francisco José Rodrigues (Chico Manco) e de Messias Cartola de Souza, de tradicional família da cidade mineira de Paracatu.

Por ter o nome do pai, sem complexo ou preconceito, passou a ser chamado em Catalão e vizinhança de Coronel Chiquinho Manco.

As atividades do Coronel Chiquinho, em Catalão, prenderam-se inicialmente ao comércio em geral e, depois, percebendo a carência de uma botica (casa de manipulação de remédios), inaugurou a primeira e mais antiga farmácia do Estado de Goiás, em 1858, um ano antes da assinatura da emancipação política de Catalão.

A farmácia era localizada ao lado do majestoso sobrado da família Victor Rodrigues, que hoje não mais existe. E, para homenagear sua mulher, mãe extremada e responsável esposa, houve por bem, denominá-la *Farmácia Felicidade.*

Drogaria Felicidade e o sobrado da Família Victor Rodrigues (1950)

Com o falecimento do Cel. Chiquinho Manco, a farmácia passou a ser administrada por seu filho Alceu Victor Rodrigues.

Consta que, no ano de 1877, o casal Chiquinho Manco e Dadinha empreenderam viagem a cavalo com destino ao Rio de Janeiro, levando cerca de aproximadamente dois meses e, com eles, dois filhos mais velhos: Jozias Leopoldo e Alceu. Viagem dispendiosa e perigosa. Com eles, viajou o guia conhecedor do caminho, Antônio Cesar, empregado da família, marido de Jerominha, falecida na década de cinquenta do século passado, residia em frente à casa de Geraldo Gentil Aires e Virgínia da Silveira Aires, pais do escritor Aldair Aires e Nancy Silveira Aires.

Esse depoimento foi prestado por Jerominha ao Aldair e que tive o prazer de acompanhá-lo. A depoente era uma figura muito conhecida em Catalão, devido à grande quantidade de gatos, criados em sua casa.

Alceu Victor Rodrigues, que passou a administrar a Farmácia Felicidade, nasceu no ano de 1866, em Catalão e faleceu na mesma cidade no dia 11 de fevereiro de 1902. Iniciou seus estudos na cidade de seu nascimento. Em 1884, é nomeado delegado de polícia de Pouso Alto, hoje, Piracanjuba. Dois anos depois, deixa a delegacia e segue para o Rio de Janeiro, onde completa o preparatório e matricula-se na Faculdade de Farmácia. Em 1887, cola grau e segue para a cidade de Paracatu. Estabelece-se como farmacêutico e, em 1896, com o professor Júlio César de Melo Franco, passa a dirigir e redatoriar o jornal *O Paracatu* que circulou por um espaço de mais de 3 anos.

Jornalista e poeta, seus trabalhos literários encontram-se esparsos e publicados nos jornais mineiros, goianos, São Paulo e Rio de Janeiro.

O jornal *Folha do Sul*, dirigido pelo jornalista Honestino Guimarães, na cidade de Bela Vista de Goiás, traz, em março de 1905, trabalho póstumo de Alceu que intitula *Esboço Monográfico das águas termais de Caldas Novas.* Foi ele um dos primeiros a estudar o fenômeno das águas quentes daquela cidade goiana. Mais tarde, o editor Taylor Oriente publicou uma obra sobre as águas termais de Caldas Novas sob o título *As Fabulosas Águas Quentes de Caldas Novas,* coletânea, referindo-se às qualidades e vantagens dessa água medicinal, e nela, vê-se o trabalho do ilustre catalano.

Pelos seus trabalhos literários foi merecidamente designado Patrono da Cadeira número 08, da Academia Goiana de Letras, sendo seus ocupantes: Sebastião Fleury Curado (fundador), Joaquim Câmara Filho, José Lopes Rodrigues, Isócrates de Oliveira e Paulo Nunes Batista. Ainda, Patrono da Cadeira número 01, da Academia Catalana de Letras, sendo a fundadora e atual ocupante a escritora e atriz Marly Mendonça Netto Faiad.

Poeta responsável, muito preocupado com o espírito e movimentos filosóficos da Escola de Recife, filiou-se à Escola Condoreira e era leitor de Victor Hugo e Tobias Barreto.

Um dos seus belos sonetos, elogiados por Victor de Carvalho Ramos (*Letras Goianas – Esboço Histórico*); Gastão de Deus Victor Rodrigues (*Páginas Goianas*); Veiga Netto (*Antologia Goiana*); Coelho Vaz (*Vultos Catalanos* e *Academia Goiana de Letras – história e antologia*);

Gilberto Mendonça Teles (*A poesia em Goiás*) e, não resta dúvida, *O Miosótis*.

Então, vejamos:

Tu lá lestes as baladas da Alemanha,
As lendas, as canções do velho Reno,
Onde é cada vaga como um tren,
Um poema de amor, de luz estranha?

Pois é lá, nessa terra que ele banha,
Que, entre as sarças de doloroso feno,
Fulge seu colo de lílaz sereno
E as outras flores em beleza ganha.

Pois, foi lá que a princesa enamorada,
Ao atirá-la ao turbilhão das águas,
Disse ao amante: — Vai buscá-la. Sim?

— Por certo, meu amor. Adeus, amada,
Morro por ti, e morrerei sem mágoas,
Mas, não te esqueças nunca mais de mim!

Com o falecimento do farmacêutico Alceu Victor Rodrigues, seu irmão, o coronel Cristiano, assume a administração da Farmácia Felicidade e nela trabalhou por mais de sessenta anos. Transfere ao seu sobrinho professor José Victor Rodrigues, que se manteve à frente dos assuntos farmacêuticos até sua transferência residencial para a cidade mineira de Uberlândia no ano de 1950. Adquire a Farmácia

Felicidade, o sobrinho-neto, João Netto de Campos II, onde encerra a dinastia e administração da referida farmácia. Ela foi adquirida por Oscar Lopes de Faria e esse, por sua vez, vendeu ao Sílvio Ribeiro, que atualmente dirige o estabelecimento farmacêutico. Hoje, passado mais de século e meio de existência, a farmácia, com o prédio ampliado e melhorado, continua no mesmo local e com a denominação mudada para Drogaria Felicidade.

Cristiano Victor Rodrigues, conforme seu sobrinho José Victor Rodrigues, na *Gazeta do Triângulo,* Araguari, 20 de agosto de 1959, "iniciou seus estudos na Politécnica do Rio, mas, por motivos alheios à sua vontade, não pôde terminar o curso de Agrimensura".

Outro irmão de Gastão de Deus que deixou seu nome na lembrança histórica de Goiás foi o médico Jozias Leopoldo Victor Rodrigues, que nasceu em Catalão, no dia 25 de fevereiro de 1862. Iniciou seus estudos na cidade de seu nascimento e prosseguiu em Paracatu, concluindo o preparatório e o normal. Seguiu para o Rio de Janeiro, matriculando-se na Faculdade de Medicina, concluindo o curso e recebendo o diploma de médico no dia 22 de dezembro de 1884.

Jozias Leopoldo Victor Rodrigues

Conforme registro do professor José Victor Rodrigues, em artigo na *Gazeta do Triângulo,* Araguari (MG), em 22/08/1959, sob o título *Chiquinho Manco,* relata que:

> Francisco Victor, homem de fé e vontade firmes conseguiu anos após, sob a presidência do imperador Dom Pedro II, que cochilava durante sua colação de grau, recebia Jozias o título de doutor em Medicina.

Em Nome de Sua Magestade o Senhor D. Pe. II, Imperador Constitucional e Defensor Perpetuo do Brazil

Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro

Tendo presente o termo de aptidão ao Grande Doutor, que obteve o Sr. Josias Leopoldo Victor Rodrigues, filho do Major Francisco Victor Rodrigues e Felicidade da Silveira Rodrigues, natural da Cidade do Catalão (Provincia de Goyaz), nascido no dia 25 de Fevereiro de 1862, e que collação do Grão que recebeu no dia 22 de Dezembro de 1884, depois de ter sido approvado plenamente em dezoito e Theses; e usando da autoridade que me conferem os Estatutos desta Faculdade, mandei passar ao dito Sr. Josias Lapoldo Victor Rodrigues esta Carta de Doutor em Medicina, para que com ella possa exercer a respectiva profissão, com todas as prerogativas concedidas pelas Leis do Imperio.

Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, 22 Dezembro de 1884

O Secretario da Faculdade

Diploma outorgado ao primeiro médico nascido em Catalão, Jozias Leopoldo Victor Rodrigues

Regressa a Catalão, passa a clinicar na cidade e, no dia 25 de abril de 1885, *O Correio Oficial* da Província de Goiás, publica que

> o doutor Jozias Leopoldo Victor Rodrigues, formado pela Faculdade de Medicina, no Rio de Janeiro, abriu em Catalão, sua cidade natal, uma clínica médica cirúrgica. Tabela de preços: receita ou prescrição escrita, 4$ 000, e mais de duas receitas terá abatimento. Visitas dentro da cidade durante o dia 1$000, à noite 2$000; à noite após às 10 horas 5$000. Povoação circunvizinhas: de cada uma légua, só de ida, durante o dia, 8$000: de cada légua, só de ida e de noite 12$000. Estada: pelas primeiras três horas, não pagamento e de cada hora que exceder, 1$000. Operações: conforme importância e êxitos delas. Serviços de indigente serão grátis nos dias 25 de fevereiro (aniversário do médico); Sexta-feira da Paixão; 20 de agosto (aniversário de Catalão) e 25 de dezembro (Natal).

Depois de clinicar na sua cidade natal por alguns anos, transferiu-se para Sacramento, Minas Gerais, onde exerceu a profissão até os últimos dias de sua existência.

O doutor Jozias Leopoldo Victor Rodrigues é o primeiro filho de Catalão a ter diploma de médico. Filho que deixou sua marca como figura humanitária, caridosa, social e que sempre promovia no salão do majestoso sobrado, conferências e debates sobre variados temas, que terminavam em declamações, músicas e noites dançantes.

O nosso desejo é ressaltar, nesta introdução, a importância da família e descendentes de Chiquinho Manco na elevação cultural da cidade de Catalão e, também, mostrar que no final do século XIX e início do século XX a família Victor Rodrigues contribuiu para que o homem

inculto do interior, pudesse, inclusive, conhecer a luz do conhecimento humano.

Desta feita, mostrar o ambiente cultural em que viveu o filho caçula, o jovem Gastão de Deus Victor Rodrigues, que iniciou seus estudos em Catalão e, com dez anos de idade, seguiu para a cidade mineira de Paracatu e cursou o Grupo Escolar e diplomou-se na Escola Normal daquela cidade.

Retorna a Catalão e foi professor particular de seus primos, Mário de Cerqueira Netto (Nhôzico), João de Cerqueira Netto e Felicidade de Cerqueira Netto (Yayá).

Em face do seu valor cultural, Gastão de Deus, também na intimidade, conhecido por *Vozico,* era um homem culto e que gostava das letras, das artes e reconhecido jornalista.

No ano de 1901, transfere-se para a cidade mineira de Uberaba, onde passa a lecionar e exerce o jornalismo no tradicional *Lavoura e Comércio,* publicando artigos e, também, seus poemas.

Dois anos depois, deixa os gerais mineiros com destino a Vila Boa, aceita a nomeação de praticante da Secretaria de Finanças do Estado de Goiás.

Frequenta a biblioteca do Gabinete Goiano e participa com amigos dos saraus familiares, com declamações e serestas nas "noites claras de luar".

Em 1904 matricula-se na Faculdade de Direito e é removido para a Secretaria de Interior, Justiça e Segurança Pública e ano seguinte, publica *Agapantos,* versos escritos em 1902/1904, pela Editora e Tipografia da Livraria Século XX, Uberaba – Minas Gerais.

No dia 19 de janeiro do mesmo ano, Gastão de Deus foi recebido em Catalão com festas pela sua família, improvisaram um sarau para comemorar o lançamento do livro no sobrado construído pelo seu pai, Coronel Chiquinho Manco, ora pertencente ao filho e irmão, Coronel Cristiano.

Conforme depoimento da prima do poeta, Dagmar Netto Vaz, mulher do Coronel Getúlio Vaz, o autor distribuiu o livro aos parentes e convidados. Muitas poesias já tinham sido publicadas no jornal catalano *Goyaz-Minas,* primeiro periódico a se estabelecer na cidade e que teve duração de quase três anos, nos idos de 1903.

Em Vila Boa, capital do Estado de Goiás, foi professor de Metodologia e Pedagogia na Escola Normal e designado professor de Literatura e Lógica no Liceu de Goiás.

A segunda turma da Academia de Direito, que em sessão solene, cola grau a 16 de dezembro de 1906, precisamente um ano após a formatura da primeira, teve como paraninfo o advogado e político, Sebastião Fleury Curado, e os bacharelandos Gastão de Deus Victor Rodrigues, Augusto Ferreira Rios, Luiz Ramos de Oliveira Couto, Raimundo Pinto de Castro e João Avelino de Trindade, receberam os diplomas, sendo que Luiz Couto foi escolhido orador da turma.

Dos cinco bacharéis em direito, três deles, Gastão de Deus, Augusto Rios e Luiz do Couto seguiram com brilhantismo o caminho da justiça, nomeados juízes de Direito e reconhecidos poetas, que deixaram seus nomes ligados à literatura brasileira, principalmente, destacados vates do Brasil Central.

O professor Gastão, figura franzina e de porte elegante, paraninfa os formandos na Escola Normal de Vila Boa, logo em seguida, retorna à cidade de seu nascimento, nomeado delegado de polícia de Catalão, permanecendo poucos dias e exonera-se do cargo.

Retorna a Paracatu em 1907, contrai núpcias com Leonor Pimentel Ulhôa, de tradicional família mineira.

No final da década de sessenta do século passado, graças à gentileza de Dilênia, filha do casal, entrevistei dona Leonor, já acamada, contou-me que era míope, abria a janela de seu quarto, ao ouvir a flauta tocada por Gastão e assim se conheceram, assim se enamoraram e assim se casaram no ano 1907.

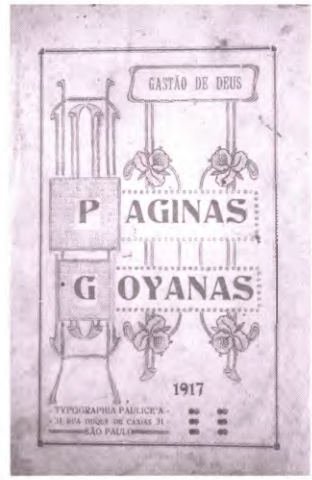
Dessa união, tiveram os seguintes filhos: Dilênia, Manoel, Alcir, Donizete, Gastão e Norita.

Dois anos após seu casamento, funda e dirige em Paracatu o jornal *O Paracatuense,* órgão político, noticioso, literário e agrícola, existindo até o ano de 1912. Defendia o semanário a facção política chefiada pelo médico Sérgio Gonçalves Ulhôa.

Gastão de Deus retorna a sua cidade natal, advoga e exerce a profissão de professor, ministrando aulas particulares aos seus conterrâneos.

No ano de 1914, é nomeado para instalar a Comarca de Anápolis, efetivando as solenidades em 15 de abril de 1915, e exercendo o cargo de Juiz de Direito até a sua

prematura morte naquela cidade, em 17 de abril de 1917, onde foi sepultado.



Alguns meses antes de seu falecimento, em 1917, recebeu da Tipografia Pauliceia, São Paulo, *Páginas Goyanas,* livro em que, na primeira parte, faz estudos dos principais vultos literários de Goiás e, na segunda parte, sob o título *Traços Multicores,* seleciona alguns contos de sua autoria.

Gastão de Deus além de poeta, jornalista, professor e contista era um excelente músico. Virtuose flautista, sempre apresentava nos encontros culturais de Catalão, Vila Boa e Paracatu.

Foi introdutor do conto em Goiás, ao lado de Hugo de Carvalho Ramos, autor de *Tropas e boiadas,* que também veio à luz, em 1ª edição, 1917, no mesmo ano em que Gastão publicou seus contos em *Páginas Goyanas.*

Agapantos, dedicado a seu irmão, Cristiano Victor Rodrigues, tem um belo prefácio do poeta nascido em Jaraguá, Augusto Rios.

O prefaciador enaltece o valor literário do poeta catalano: *a bela e auspiciosa estreia e que deve desfraldar aos quatro cantos do país o pavilhão rutilante de teu primeiro triunfo literário.*

Muitas das poesias de Gastão são belas, inspiradas, elegantes, bem trabalhadas e buriladas, tornando-as mais eloquentes e criativas.

Senão, vejamos em *Ave Regina:*

Quando ela passa donairosa, altiva,
Nas formas gregas ressumbrando a graça
Meiga e formosa, quando às ruas passa,
Todos murmuram num só tempo: Diva!

A' rutilância de seus olhos, viva,
Onde ao dulçor a candidez s'enlaça
Quando ela às ruas gravemente passa,
Curva-se pasma a multidão cativa!

E se sigo na ebriez do aroma
Da sua longa e undiflava coma,
Pela mesma via em que, a sós, caminha,

Ante a grandeza que em seu ar impera
Digo — Vassalo de rainha austera:
"Ave, Regina! Soberana minha!"

A respeito de *Ave Regina,* Augusto Rios, no prefácio, diz textualmente:

> *Poucas vezes tenho lido um soneto como este, e quem assim canta, sendo ainda tão jovem agora, é de crer-se, deve ter também o voo altivo e ousado como quem irá se assentar no cimo do Parnaso, no pináculo da glória.*

Agapantos é um livro modesto no formato, precioso no cuidado que o autor teve para alcançar o estilo pomposo do lirismo e de apuro na linguagem.

Honestino Guimarães, no seu jornal *Folha do Sul*, Bela Vista de Goiás, 08 de abril de 1905, refere-se ao poeta catalano que sobre a sua mesa de trabalho encontra-se o mimoso

livro *Agapantos,* com que Gastão de Deus, talentoso poeta goiano, fez sua estreia triunfal.

Trata-se de um livro bem trabalhado, enfeixa poesias parnasianas à moda do início do século passado. Quase todas elas escritas em Vila Boa, antiga capital de Goiás e em Catalão, sua terra natal. Poesias feitas com todo carinho com rimas ricas e métrica invejável.

O livro *Páginas Goyanas* é dividido em duas partes: a primeira, *Parnaso Goyano;* e a segunda, *Traços Multicores.*

A primeira parte da obra de Gastão, ele oferece ao leitor uma trabalhosa pesquisa, que levanta vida e obra de vinte e dois poetas goianos.

O crítico literário, professor e poeta, Gilberto Mendonça Teles, na sua obra *A poesia em Goiás*, afirma:

> *Na primeira parte desta obra, de que nos estamos constantemente valendo neste estudo, o autor discorre, criticamente, sobre os principais representantes de nossas letras, na poesia: trata-se de um belo trabalho, a começar com o prefácio, através do qual nos chegam valorosas informações sobre os poetas da época.*

Todos os historiadores e pesquisadores que escreveram sobre a literatura brasileira, feita em Goiás, foram obrigados a consultar essa obra importante de Gastão que, infelizmente, foi lançada há mais de cem anos e trata-se de obra rara e edição esgotada.

Na segunda parte do livro, *Traços Multicores,* o autor publica 14 contos de sua autoria, cada qual dedicado às pessoas de sua família e também aos amigos e escritores de sua convivência.

O escritor Veiga Netto, com sua *Antologia Goiana,* publicada pelas Oficinas da Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, em São Paulo, em abril de 1944, recebeu o

prêmio da Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, criada pelo decreto nº 475, de 25/03/1943, pela Prefeitura Municipal de Goiânia, confessa que bebeu da fonte histórica da obra de Gastão de Deus, recolhendo os subsídios necessários para a realização de sua obra.

Gastão de Deus Victor Rodrigues, conhecido no ambiente familiar como *Vozico* deixou um legado importante para a pesquisa histórica do Brasil e de Goiás com obras que orgulham a nossa Pátria e a nossa querida e centenária Catalão.

Referências:

BORGES, Humberto Crispim. *Retrato da Academia Goiana de Letras*. Editora Oriente. Goiânia, 1977.

CAMPOS, Maria das Dores. *Gente nossa*. Gráfica de Goiás e Editora do Cerne. Goiânia, 1985.

RAMOS, Victor de Carvalho. *Letras Goianas – Esboço Histórico*. Editora J. Câmara e Irmãos. Goiânia, 1968.

TELES, Gilberto Mendonça. *A poesia em Goiás*. Ed. da UFG. Goiânia, 1964.

TELES, José Mendonça. *Dicionário do Escritor Goiano*. Ed. Kelps. Goiânia, 2011.

VAZ, Coelho. *Academia Goiana de Letras (história e antologia)*. Ed. Kelps. Goiânia, 2008.

_____. *Vultos Catalanos*. Ed. Kelps. Goiânia, 2009.

Revista Portal Vip – 92º. Edição de agosto - Ano X - 2015. Catalão-GO.

Humberto Crispim Borges

– importante escritor goiano –

Humberto Crispim Borges

– importante escritor goiano –

A característica dominante de Humberto Crispim Borges é a seriedade das consultas junto às bibliotecas, museus, arquivos para tirar do fundo das malas do tempo as verdades e fatos históricos que, muitas vezes, jazem esquecidos pelos caminhos de uma época.

Humberto Crispim Borges

Mais de meio século de trabalho incansável na trilha da literatura, vamos encontrá-lo exercendo os mais variados gêneros nas artes de escrever, quer como contista ou como pesquisador da história goiana sabendo ser respeitado, razão de ser um dos mais sérios escritores e orgulho de nossa cultura.

Humberto Crispim Borges nasceu no dia 16 de julho de 1918, na cidade de Anápolis, filho de Antônio Crispim Borges e de Galiana Crispim Borges e faleceu em Brasília, no dia 09 de dezembro de 2015.

Fez suas primeiras letras em sua terra natal, matriculando-se no Grupo Escolar Dr. Brasil Caiado, sob a direção do professor Alarico Torres Verano. Foram, ainda, suas professoras: Zanira Campos, Diva Silva, Belizária Correia, Esther Campos e Elfrida Burger. Prosseguiu os estudos secundários no Colégio Anchieta de Bonfim, hoje, Silvânia. Nesse estabelecimento de ensino, foi redator do jornal *Voz Juvenil,* órgão literário dos alunos do tradicional Colégio.

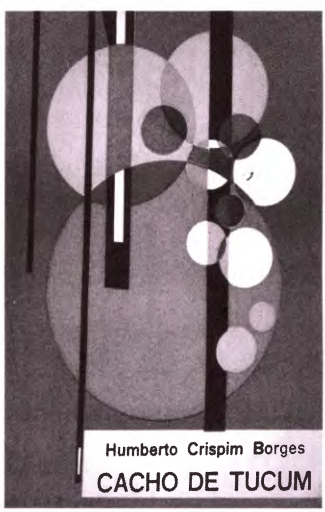
Seguiu para Belo Horizonte, matriculando-se no curso pré-médico do famoso Colégio Arnaldo. Aprovado no vestibular, ingressa na Faculdade de Medicina de Belo Horizonte. Transfere e matricula-se no segundo ano da Faculdade de Medicina de Niterói e, ao mesmo tempo, inicia o curso de Oficiais da Reserva, regido pelo Regulamento da Escola Militar.

Abandona a Faculdade de Medicina para ingressar na carreira militar.

Disciplinado nos seus hábitos e também no ofício de escritor, adquirido pela formação militar, ocupando o posto de Coronel do Exército, estreou na literatura em 1967, com o livro de contos *Chico Melancolia*, agraciado com o prêmio Bolsa de Publicação Hugo de Carvalho Ramos.

O escritor Aurélio Buarque de Holanda, da Academia Brasileira de Letras, na época se expressou da seguinte forma sobre *Chico Melancolia:*

> *O leitor fica preso desde a primeira história "Caminhos do inferno", história que lembra um pouco, em certos aspectos, Guimarães Rosa, um pouco e síntese de Guimarães Rosa, aquele seu gosto da elipse, também notado em Miguel Torga, por exemplo. A síntese, a elipse, chegam até o excesso, mas o conto é de uma força muito grande.*

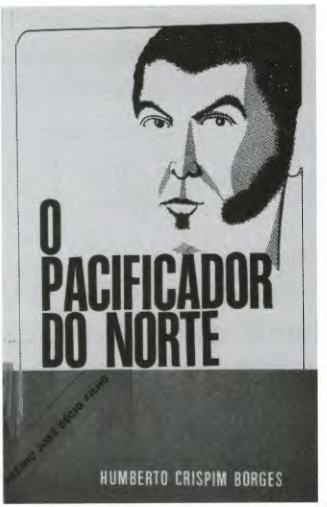


Depois dessa obra, publicou, ainda, *Cacho de Tucum* e *Vale das Imbaúbas*, ambos de contos, onde predomina o regionalismo, num estilo todo próprio, encontrando na linguagem os vocábulos simples do povo sofrido do Brasil Central.

Estudioso, pesquisador consciente, artesão das palavras, escreveu *História de Anápolis*, *História de Silvânia*, *Generais Goianos*, *Retrato da Academia Goiana de Letras* e um rico ensaio sobre a *Vida e Obra de Moisés Santana*, jornalista goiano com passagem por Catalão, Anápolis e outras cidades e que foi covardemente assassinado na redação do jornal *Lavoura e Comércio*

da cidade de Uberaba, pelo presidente da Câmara Municipal, João Henrique Sampaio Vieira da Silva.

No campo da pesquisa, premiado pela *Bolsa de Publicações José Décio Filho,* criada pelo Cerne, através do então superintendente, contista e acadêmico Francisco de Brito, com o livro de ensaio *O Pacificador do Norte*, cuja comissão julgadora foi constituída pelos escritores Bernardo Élis, Regina Lacerda e Waldomiro Bariani Ortencio.



O Pacificador do Norte é a vida de um dos mais ilustres filhos das terras anhanguerinas, Luiz Gonzaga de Camargo Fleury, que, além de sacerdote, foi jornalista e presidente da Província de Goiás. Nascido na antiga e tradicional Meia Ponte, em 21 de junho de 1793, seria, mais tarde, redator chefe de *A Matutina Meiapontense*, primeiro jornal goiano, que surgiu em sua terra natal, no ano 1830, tendo como proprietário o comendador Joaquim Alves de Oliveira.

Para conseguir a documentação necessária ao seu trabalho, o escritor Humberto Crispim Borges descobriu a correspondência dos eventos históricos daquela época no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Material doado por José Martins Pereira de Alencastro, em 1864, do roteiro do padre, quando de sua ida ao Norte para pacificar rebeliões e também de sua atribulada vida como político em Goiás.

Além da seriedade profissional, humanista convicto, Humberto Crispim Borges marca sua presença na vida literária como intransigente defensor de nosso memorial histórico-cultural, folheando documentos entregues às traças e levando-os à tona para dirimir dúvidas e controvérsias dos historiadores.

Escritor Bariani Ortencio, Humberto Crispim Borges, Olavo Tormin Borges (proprietário do Bazar Oió) e Camargo Júnior

A exemplo, publicamos neste espaço o conto "Lavador de defuntos", do livro *Cacho de Tucum,* para que os leitores possam analisar a produção literária do escritor Humberto Crispim Borges, membro da Academia Goiana de Letras e Sócio Titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

Eis, então, o conto: *O Lavador de defuntos*

Rabelo andava com precaução, evitando a enxurrada e as goteiras, alma borrifada de receio. Ao certo, quem podia adivinhar a resposta do Braz? Cuspia **sim** ou **não** com a mesma fleuma, bochecha mole acamada em dobras adiposas. E, no momento, o caso se agravava por ser ele muito xará do Teófilo. Pinimba antiga e nunca aplanada. Vinha a precisão, num chuvaréu danado, e achava-se exposto a um **não** azedo.

Porta semicerrada. Enfiou a cabeça, explorando. Escuridão e mofo. Pudera! Dez dias de inverno. Clamou:

– Ó de dentro!

– Ó de fora! Entra.

Fechou o guarda-chuva e penetrou na morada. Avistou Braz na rabeira do fogão, escarrapachado em banquinho de madeira, calças arregaçadas. Cumprimentou:

– Bom dia!

– Bem, com este dilúvio?

– É mesmo. Como se gasta chuva.

– Um cafezinho?

– Obrigado. Quero esquecer o cigarro.

– Deixou?

– Há seis meses.

– Pois volta, garanto. E numa quinzena vai recuperar o tempo perdido, fumando como locomotiva.

Tico, filho de Braz, surgiu na cozinha. Viu o guarda-chuva vertendo água no chão e postou-se na espreita.

Rabelo, susto no estômago, ia lançar o bote. Nada de cavaco. Tinha que rodar, folhear ruas, bater portas

variadas. Eia! Afagou a cabeça do menino e atirou bomba:
– O Teófilo esticou a canela.
Imperturbável, Braz retrucou:
– E já esticou tarde. Chato como ele, só filhote de chato, cruz! Se bem voou, no inferno já estourou.
– Quem morreu? – perguntou Anita.
Anunciando algo, Rabelo pigarreou, tossiu. Falou:
– Vim pedir a você para lavar o morto.
– Você está é de gíria – declarou o interpelado, firme nos tamancos. – Faço isso por amizade e nada me liga àquele sacana. Que se afomente!
Rabelo desdenhou: "Belo diplomata. Em vez de incensar, pintar o gajo como insubstituível, atropela tudo, bestamente. Um desastre". Mesmo assim, não entregou os pontos, retornando:
– Exato, compadre. Por ele, nada, e o homem é defunto. É por mim, que estou à testa dos arranjos. Se não contar com os amigos do peito, como você, o que é que vou arrumar?
Cheio de graveto, Braz sorriu. Tomou um tição e levou-o ao cigarro. Redarguiu:
– Companheiro, prezo a sua estima. Mas entre o alho e o bugalho é que a porca torce o rabo. Nem debaixo do rêlho quero lavar o pão-duro. Quero é deixá-lo no campo, estirado, para refugo de urubu.
– Fecha este bueiro – ordenou Anita. – Quer, vai. Não quer, fica. No mais, bico fechado.
Montado no carão, Rabelo estreitou o cerco:
– Vamos, meu velho. O bom cristão é o que serve com humildade, indiferente aos agravos – ofereceu o guarda-chuva ao pequeno e emendou: – Para o caso atual, deixemos de parte qualquer ação gratuita. Será trabalho e não favor.

Não se paga a mortalha, o caixão, o celebrante, a cova? Também você terá uma gratificação.
Braz, que se encontrava a zero, doido por forrar o bucho com uma carninha assada, entusiasmou-se:
– Pois você, parente, corto orelha até de deputado, seja ele urso ou leão. E de mão beijada, dadinho da silva. Mas, para esse boboca, só no *money*.
Escarrou na cinza, porcamente.
– É assim que se fala – proclamou Rabelo inebriado, dando-lhe uma palmada nas costas. – Então, para frente. O velho deve de ter morrido aí pela meia-noite e só deram com a coisa ao amanhecer. Está duro como cimento.
– Vou refrescar-me um bocado. Compre uma garrafa de pinga e leve para lá. De cara cheia o rendimento é outro.
Rabelo saiu.
Braz apeou da fornalha e refestelou-se num canto, a namorar a chuva. Bando de aves, junto da parede azeitavam as penas. No calor da mãe, pintinhos curiosos punham as cabeças de fora, admirando a librina.
Tico refugiou-se no colo do pai. Com olhos interrogativos, inquiriu:
– O homem morreu mesmo?
– Morreu.
– Outro dia, a Zélia disse: "O Teófilo foi pro beleléu".
– Era sapituca
– Agora?
– Morte morrida, lisinha.
Estimulado por piscadela brejeira, o moleque enveredou-se por assunto abstrato:
– Por que tudo morre?

– Para não encher o mundo. Morre um, vem outro, morre um, vem outro. – alojou o fedelho nas pernas e continuou: – Sabe, cada homem, cada moço, cada guri é semente de outra criatura.
– E nascem miudinhos?
– Nascem miúdos e vão até a semente. Se é semente de velho, vive bastante; se é de rapaz, metade da vida; e se é de criança, assim de seu porte, cedo bate as asas e azula para o céu.
– O senhor conhece a semente das pessoas?
– Mal-mal.
– Repara a minha.
Fiteiramente. Braz examinou-lhe a vista e o umbigo, os dentes e o sexo. Concluiu:
– Semente de velho, barba branca.
Radiante, o garoto escapou-se-lhe os braços, a gritar pela mãe.
O lavador de defuntos é ser bondoso e prestativo, à cata de merecimento. Ouve falar em morte e vai ventando. Compra o cadáver e só o deixa no cemitério, ao rojar a última pazada de terra.
Responsável por mais de crime e mau, misto de escorpião e cascavel, inexplicavelmente, após dobrar os quarenta, Braz dedicou-se à lavação de defuntos. Uns diziam: "É pelos trocados". Outros: "Pela cachaça". O certo é que lava e bem.
Braz entrou constrangido e espichou a mão para dona Adelaide, ciclando:
– Meus pêsames!
A mulher começou a soluçar, lenço aberto no semblante. Depois de muita lágrima e caretas, murmurou:
– A roupa está na cama, passadinha. Vou esquentar a água.

– Não carece – ponderou Braz. – Morto vai lá saber o que é frio ou quente.
– Não, nem! Ele sempre gostou de banho esperto e não é agora que vou contrariá-lo.
Pediu licença embarafustou-se na cozinha.
Braz deslizou o quarto. Velas acesas e cheiro de morte a empestar o ambiente. Volveu para a sala e enxergou a garrafa de aguardente. Agitou-a para ver o colarinho. Boa! Tomou meio copo: gute-gute-gute!... Na penumbra chuvosa distinguiu alguns conhecidos e acercou-se da roda. Sabia os temas de cor. Esquisitices do finado e pescaria, futebol e caçada, assuntos de todos os velórios. De vez em vez, política e mulher, combinação explosiva. Escutou, os lábios colados, e voltou a molhar a língua. Calibrado, tinha disposição.
Bacia grande, líquido morno, sabonete fino. E o velho desgrenhado, rígido, nu. Colocou o corpo nas bordas da bacia, reto como tábua, e iniciou a esfregação pelo peito e barriga. Empurrou a cabeça para o chão e lavou os cambitos. Para cuidar do rosto, fez operação inversa. Sabão nos olhos, na boca e na orelha, espuma sobrando. Virou-o de bruços e cascou-lhe um tabefe. Zombou:
– Nem carne leva para os corós, hem, malandro!
Botou o corpo em pé, encostado no leito, e engatinhou atrás do sabão. O soalho trepidou. Levou na nuca tremenda bordoada e focinhou, vista coberta de estrelas. Encarou de lado, sangue fervendo, e deu com o cadáver pousando-lhe no dorso. Safado! Sempre a feri-lo. Saltou sobre o defunto, vibrando-lhe saraivada de tapas. O som cavo, surdo oco encantava-lhe o ouvido... Endireitou-se, ofegante,

mão no cachaço. Bebeu uma talagada e tornou ao serviço, puxando o morto pelo pé e enfiando-o na bacia, as pernas para o ar. Bicho feio, metido a besta! Enxugou, vestiu, penteou. De quando em quando, ao se lembrar da falseta, mandava o braço. Tá-tá-tá!

– Nossa Senhora do Muquém! Ele está roxo.

– Defunto não gosta de água quente.

– Que maçada! – Espantou uma mosca e principiou a grunhir. Reclamou:

– Não encruzou os braços?

– Só se quebrar, quer?

– Deus me livre!

– É como frango, muito singelo. Procura-se a junta e aperta-se. Toque! Era uma vez um braço.

Alheio aos resmungos da mulher, encaminhou-se para fora. Disfarçadamente, Rabelo passou-lhe duas pelegas de mil. Oba!

– Até mais – gaguejou, de língua ensolarada.

Comprou um quilo de cupim, feijão preto e dois pirulitos. Dia feliz, com bela remuneração. Ia dormir, ouvindo a chuva e o galo-índio. Marcou o rumo de casa e foi-se, alma em festa.

Referências:

TELES, José Mendonça. *Dicionário do Escritor Goiano*. Ed. Kelps. Goiânia, 2011.

VAZ, Coelho. *Rastro literário*. Editora Kelps. Goiânia, 1991.

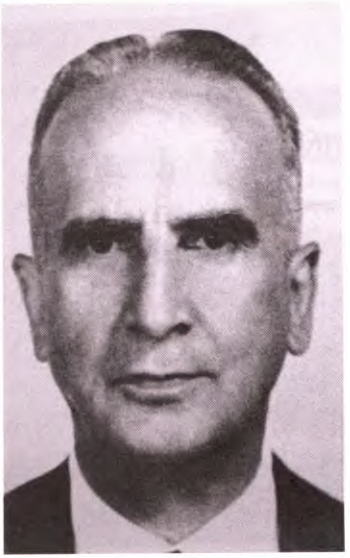
_____. *Academia Goiana de Letras (história e antologia)*. Ed. Kelps. Goiânia, 2008.

José Lopes Rodrigues

– Vibrações –

José Lopes Rodrigues

– Vibrações –



José Lopes Rodrigues

José Lopes Rodrigues, que também assinava nos seus escritos, J. Lopes Rodrigues, colaborou com inumeráveis trabalhos literários publicados em diversos jornais e revistas de Goiás e do Triângulo Mineiro.

No jornal *O Popular*, manteve por muitos anos, sob o pseudônimo de *Lord*, uma seção de humorismo, muito apreciada pelos assíduos leitores do periódico daquela época.

Na *Revista Oeste*, que surgiu no dia 05 de julho de 1942, em Goiânia, ao lado de diversos intelectuais da categoria de Zecchi Abrahão, Bernardo Élis, Hélio de Araújo Lobo, José Décio Filho, Vasco dos Reis, João Accioli, Nelly Alves de Almeida, Leodegária de Jesus, Eli Brasiliense, Afonso Félix de Souza, Castro Costa, Floraci Artiaga, Amália Hermano Teixeira, Demóstenes Cristino, Nice Monteiro Daher, Rosarita Fleury, Oscar Sabino Júnior, Zoroastro Artiaga, Leo Lynce, Jovelino Campos, Augusto Rios, Colemar Natal e Silva e outros, encontram-se, diversas publicações, principalmente

poemas de J. Lopes Rodrigues, com linguagem casta, digno do emérito professor de língua pátria.

Nasceu o nosso biografado no dia 1º de dezembro de 1908, no pequeno povoado de Almas, então distrito de Natividade, Estado de Goiás, hoje pertencente a Tocantins. Filho de Florindo Lopes dos Santos e de Maria Rodrigues Pinheiro. Seu pai faleceu 15 dias antes do seu nascimento.

Iniciou a alfabetização em sua terra natal e transferiu-se para a cidade de Barreiras, na Bahia, para prosseguir nos estudos.

Seu tio, João Lourenço Rodrigues, vendo no sobrinho, talento invulgar, criativo, inteligente e muito aplicado, resolveu mandá-lo para a histórica e centenária Salvador, matriculando-o no Ginásio Nossa Senhora da Vitória, dirigido pelos Irmãos Maristas, onde foi colega de turma do festejado escritor Jorge Amado.

Com o falecimento do tio e sem a ajuda financeira tão necessária, retorna à cidade de seu nascimento e, logo em seguida, é sorteado e convocado para servir na corporação da 3ª Companhia Isolada do 6º Batalhão de Caçadores, unidade do Exército Nacional, sediada na antiga Capital de Goiás.

Dispensado e não aceito a prestar o serviço militar, regressa à velha cidade de Natividade, a pé, vencendo 900 quilômetros, em companhia de dois amigos, companheiros e conterrâneos, atravessando uma região desabitada, sofrida e deserta, caminhadas longas e muitas vezes pernoitando nos cerrados, matas e campos, procurando sempre um lugar próximo ao rio para o repouso merecido.

Com o bafejo da sorte, ao regressar ao seio da família, é nomeado para exercer a função de escrivão da 5ª Delegacia Regional, com sede em Natividade.

Contou-me certa vez, o professor Lopes Rodrigues, que sentia-se isolado em sua cidade e tinha um grande desejo de prosseguir os estudos. Desejo que o perseguia sempre, quer nos momentos de solidão ou nos sonos atormentados das noites silenciosas de uma pequena cidade interiorana.

Com parcos recursos de uma sacrificada economia, resolveu partir para Vila Boa e concretizar o velho sonho há muito idealizado.

Relatou-me, ainda, que logo que chegou à capital, empregou-se como guarda civil para trabalhar na cidade, obtendo bons vencimentos, entre os melhores daquela época. Incontinenti, matriculou-se na 3ª série no Liceu Goiano e, nas horas vagas, frequentava o Gabinete Literário, onde conheceu as obras dos clássicos da história universal.

Na velha Capital, é admitido para trabalhar como funcionário do jornal *Correio Oficial*. Em 1936, deixa Vila Boa, atraído pela propaganda da criação de Goiânia, vislumbra um futuro melhor, segue firme o seu caminho e seu destino, com pensamento de vencer e ter um lugar ao sol.

Em Goiânia, prestou concurso para o cargo de professor da Escola Normal Oficial, hoje Instituto de Educação do Estado, na cadeira de História. Foi diretor da Escola Normal, de 1938 a 1946, e professor de Português na Escola Técnica Federal de Goiânia, hoje Instituto Federal de Goiás – IFG. Professor de História da Arte na Escola de Belas Artes da Universidade Católica de Goiás, hoje PUC-GO, sendo um

de seus fundadores. Em 1944, bacharelou-se pela tradicional Faculdade de Direito de Goiás.

Pertenceu a diversas entidades culturais, sempre participando das suas diretorias, como, por exemplo, da União Brasileira de Escritores de Goiás; do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás; da Associação Goiana de Imprensa; da Ordem dos Advogados do Brasil (de Goiás) e da Academia Goiana de Letras, nessa última, foi secretário por muitos anos, sendo as atas bem-elaboradas, verdadeiras peças da arte literária, com detalhes que hoje servem para pesquisas daquela Instituição.

Pela sua dedicação à arte e à cultura, foi designado pelo secretário, diretor da Revista da Educação, órgão da Secretaria da Educação e Cultura do Estado de Goiás, e, mais tarde, diretor do Departamento Estadual da Cultura, o que hoje seria a decantada Secretaria do Estado da Cultura.

De espírito calmo e alegre, o professor Lopes Rodrigues não ocupava seu tempo apenas com as lides do magistério. Indicado e por alguns anos, dirigiu a Secretaria da Assembleia Legislativa de Goiás e, como jurista, integrou no período de 1962/63, o Tribunal Regional Eleitoral, exercendo, com inteligência, honradez e dignidade o cargo naquele Egrégio Tribunal.

Em 1948, foi autor da letra do Hino do Congresso Eucarístico realizado em Goiânia. O poema foi musicado por José Neddermeyer. Um verdadeiro hino de exaltação à fé cristã. Então, vejamos:

De Goiânia na verde campina,
Sob os céus de Goiás sempre anil,
Vem curvar-se ante a Hóstia Divina
Brasileiros de todo Brasil.

Hóstia pura, Hóstia santa, bendita,
És das almas divino manjar.
Que de Cristo a bondade infinita
nos deixou com a graça sem par.

Goiás, pátria do índio bravio,
Que as bandeiras trouxeram à luz,
Ontem, terra buscada ao gentio;
Hoje, altar onde reina Jesus.

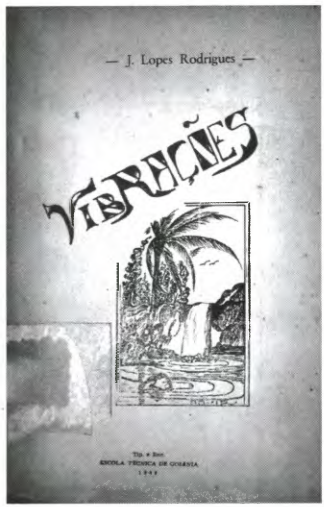
No milagre do pão e do vinho,
Estás sempre conosco, ó Jesus,
Como Vida, Verdade e Caminho
Que à morada do céu nos conduz.

Esse hino foi cantado em todas as paróquias religiosas do Estado de Goiás. Expressa a fé em Deus e traduz a espiritualidade do povo cristão.

Em 1949, publicou o livro de poesias, *Vibrações*, editado pela Tipografia e Enc. da Escola Técnica de Goiânia, que foi muito bem-recebido pela crítica literária e nos meios culturais do Estado.

O poeta Leo Lynce, *Príncipe dos Poetas Goianos*, diz que:

Vibrações é um livro que agrada. Encanta. São versos de repousante simplicidade. Um lirismo envolvente e sadio. Poesia espontânea e musical, que a gente declama e declara sem querer.



Consagrado sonetista, sobre ele, o professor José Luiz Bittencourt, membro da Academia Goiana de Letras, e vice-governador do Estado goiano, em discurso proferido no auditório da AGL, exaltou:

> *Parnasiano por excelência soube demonstrar no* ***Vibrações****, único livro que publicou, a sua sentimentalidade poética, o seu respeito pela língua, a segurança métrica, a beleza imagística e harmonia da palavra sempre colocada no lugar certo.*

O crítico literário e poeta, Gilberto Mendonça Teles, na sua monumental obra, *A Poesia em Goiás,* afirma que a poesia de J. Lopes Rodrigues

> *é toda ela de conceituação parnasiana, ou neoparnasiana, com um leve tom de filosofia. Mais adiante, sinaliza e lembra o famoso poeta Raul de Leoni, guardada as devidas proporções.*

Sonetista por excelência, os poemas de José Lopes Rodrigues traduzem a dor do negro escravo. Ao finalizar *Vingança,* com forma vindita, num antológico trabalho literário, relata poeticamente a formação da raça brasileira.

Lopes Rodrigues burila o verso com cuidadoso carinho, tornando, assim, o trabalho de grande valor literário que atinge enorme teor de expressividade. Transcrevemos, nesse instante, o poema "Vingança".

Pátria que além ficou. Há de sempre lembrá-la,
Durante o cativeiro amargurado e longo,
Na saudade, no banzo, e no sonho que fala
De vida feliz nas florestas do Congo.

Quando agora procura a tristonha senzala
Alegrar com o batuque – às pancadas do gongo
Já responde o feitor com o azorrague que estala,
Impedindo, malvado, os gingados do jongo.

Do branco não lhe vem um gesto de carinho,
E, em paga do trabalho, o açoite, o pelourinho,
A cruz do sofrimento alçava a vida inteira.

Mas o negro se vinga: e o sangue do cativo,
Serranteio, se mescla ao do senhor altino,
Na mista formação da raça brasileira.

O nosso biografado casa-se com a poetisa Sílvia Lourdes Nascimento, companheira e amiga até os últimos dias de sua vida. Desse casamento, nasceram as filhas Denise e Dalila, ambas, dedicadas às artes musicais.

No dia 09 de janeiro de 1994, Goiás perde um importante educador, grande poeta e um conselheiro amigo, O Instituto Histórico e Geográfico de Goiás e a Academia Goiana de Letras prestaram justa homenagem póstuma ao inesquecível José Lopes Rodrigues, que deixou seu nome gravado nos anais históricos de Goiás.

Referências:

BORGES. Humberto Crispim. *Retrato da Academia Goiana de Letras*. Editora Oriente. Goiânia, 1977.

VAZ, Coelho. *Academia Goiana de Letras (história e antologia)*. Editora Kelps. Goiânia, 2009.

José Mendonça Teles

– um amigo de longes datas –

José Mendonça Teles

– um amigo de longes datas –

A notícia chegou-me pela janela escura e triste de uma tristeza profunda, dando conta do passamento do amigo e irmão de caminhadas por esse Goiás afora. Uma dor doída apossou-se do meu corpo. Lágrimas escondidas desceram sem pedir licença pelos caminhos das minhas faces. Recordações, lembranças do querido José Mendonça Teles, o Zezé para a família e para os amigos mais íntimos. Sempre alegre e sorridente, acreditando no PCB (Partido da Cultura do Brasil), como dizia ele. A ressonância e eco do seu partido varou a multidão do tempo, e fixou o amor à preservação da nossa história e de nossa memória. Os resultados com sua partida deixou na terra fértil, a semente da sabedoria e do amor às artes e à cultura goianas.

Os nossos caminhos se cruzaram há sessenta e três anos, mais ou menos, quando Catalão sediou o Encontro Estadual dos Estudantes Secundaristas do Estado de Goiás. Foi um encontro muito importante para a época, principalmente para a cidade que movimentou a sociedade local, com bailes, festas, declamações, teatro, discursos acalorados, sempre no salão do Colégio Nossa Senhora Mãe de Deus. Participei da bancada do Ginásio São Bernardinho de Siena, de Catalão, com mais quatro estudantes: Setembrino Mastrella, Júlio Pinto de Melo, Braz José Coelho e Naim João Safatle.

Com interesse de entrosar com os participantes de outras cidades, aproximei-me do jovem José Mendonça Teles,

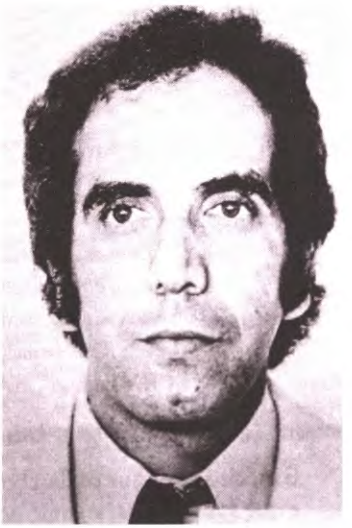
para conhecer melhor os trabalhos dos Grêmios Literários Estudantis existentes naquela época, principalmente do Liceu de Goiânia, onde ele estudava.

Da esquerda para direita: Martiniano José da Silva, Miguel Jorge, Geraldo Coelho Vaz, Yêda Schmatz, Luiz Fernando Valadares Borges e José Mendonça Teles (Churrascaria Vera Cruz, 1976)

Vem daí, nossa grande amizade, de afinidade de irmãos e de coincidências pelo gosto da leitura, do jornalismo, da pesquisa histórica, do direito e da Justiça. Com o passar do tempo, reencontramo-nos em Goiânia, em 1962, nos bancos escolares da Faculdade de Direito, da então Universidade Católica de Goiás, hoje, PUC-GO. Foram anos de convivência e de sonhos, sempre renovados, carregados de esperanças de um nacionalismo utópico, mas com muito amor à democracia e à liberdade. Bacharelamos no ano de 1966 e, por obra do mesmo compasso, oito colegas de formatura já éramos éditos: Alaor Barbosa, Miguel Jorge, Martiniano José da Silva, Luiz Fernando Valadares, José Mendonça Teles, Veni Guerra Malagoni, Yêda Schmaltz e

eu. Não paramos com o fazer poético. Construímos em nossas obras literárias, quer na prosa ou em versos, o caminho feliz do sonho e da imaginação.

José Mendonça Teles contista, historiador, cronista e poeta. Fortalece os seus trabalhos com criatividade. Transmite imaginação com sensibilidade e sólida base nas raízes de vanguarda.


José Mendonça Teles

Em Hidrolândia (GO), no dia 25 de março de 1936, vem à luz esse ativista cultural, filho de João Alves Teles e Celuta Mendonça Teles e faleceu no dia 28 de abril de 2018, em Goiânia. Fez seus estudos primários nas cidades de Brazabrantes, Hidrolândia e Goiânia (Bairro de Campinas), no Grupo Escolar Henrique Silva. Concluiu o curso básico na Escola Técnica de Comércio de Campinas e o curso secundário no Liceu de Goiânia. Foi Graduado em Direito, pela Universidade Católica de Goiás, atual PUC-GO.

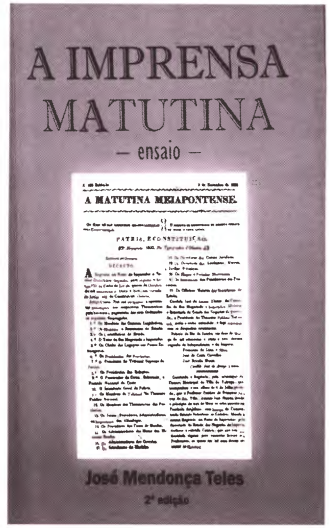
Durante décadas, como professor, lecionou em diversos estabelecimentos de ensino de Goiânia: Faculdade de Ciências Econômicas de Anápolis (GO); Universidade Federal de Goiás; Faculdade Cora Coralina, da Cidade de Goiás e Universidade Católica de Goiás, onde foi professor titular até 2003, aposentando-se. Pelo reconhecimento dos relevantes serviços prestados à PUC-GO, recebeu o título honorífico de Doutor *Honoris Causa*.

Foi presidente da Academia Goiana de Letras, durante 10 anos; presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, durante 12 anos; fundador e ex-diretor geral do Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central, da Sociedade Goiana de Cultura; membro do Conselho de Cultura do Município de Goiânia; presidente do Conselho Estadual de Cultura; Presidente da Aliança Francesa, em Goiânia; presidente *Ad Vitam* do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás; presidente do Instituto Cultural José Mendonça Teles e membro do Conselho do Patrimônio Histórico de Goiânia. Pertenceu a inúmeras instituições culturais do país, entre elas: Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (sócio correspondente), Academia Paulistana de História de São Paulo e da Ordem Nacional dos Bandeirantes de São Paulo, sócio correspondente dos Institutos Históricos e Geográficos de Santa Catarina, Distrito Federal, Rio Grande do Norte, Mato Grosso, Alagoas, Bahia, Paraná e Rio de Janeiro.

Entre as condecorações e homenagens, recebeu o diploma de Honra ao Mérito da Universidade Católica de Goiás; Medalha João Ribeiro, da Academia Brasileira de Letras; Medalha Tiradentes e Medalha Anhanguera, Grau Comendador, outorgadas pelo governo de Goiás, e o Troféu Jaburu, distinção maior do Conselho Estadual de Cultura.

Autor das letras do hino oficial do Cinquentenário de Goiânia e do hino oficial de Goiás, musicados pelo maestro Joaquim Jayme. Coordenou e executou projetos de reedição do periódico *A Matutina Meiapontense,* dos livros *Chorographia Histórica da Província de Goyaz, Anais da Província de Goyaz, Goyania, Dicionário da Língua Brasileira, da Revista Oeste* e da série *Memórias Goianas* do volume I ao XVII. Coordenou o Projeto Resgate da Documentação Histórica da Capitania de

Goiás e do Piauí, existente em Portugal, trazendo para esses Estados, todos os documentos microfilmados, referentes ao período de 1731 a 1822.



Foi autor dos projetos que resultaram no tombamento de mais de duas dezenas de bens históricos de Goiânia. Exerceu os cargos públicos de Assessor Cultural da Fundação Cultural de Goiás e Assessor Cultural da Vice-Governadoria de Goiás. Foi cronista do Jornal *O Popular*, por mais de 20 anos.

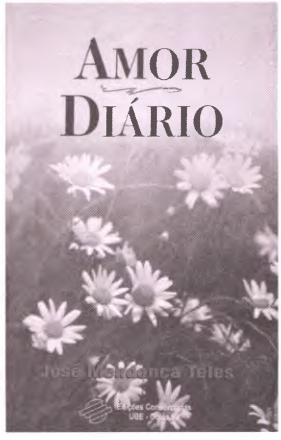
OBRAS: *Poesias e Contos Bacharéis I,* antologia. Goiânia Oriente, 1966; *A Cidade do Ócio,* contos. Goiânia: Oriente, 1970; *Contítulos,* conto bibliográfico. Goiânia: Oriente, 1972; *General Curado*, estudo bibliográfico Goiânia: Oriente, 1973. Menção Honrosa do Concurso do Sesquicentenário da Independência; *Poesias e Contos Bacharéis II,* antologia. Goiânia: Oriente, 1976; *Fronteira*, estudos literários. Goiânia: Oriente, 1977; *Vida e Obra de Silva e Souza,* ensaio. Oriente, 1978; *Um rio dentro de mim,* discurso de posse da Academia Goiana de Letras e outros ensaios. Goiânia: Oriente, 1979; *Via Sacra,* contos. Goiânia: CERNE, 1979. Prêmio Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos; *Setembro nos reúne,* crônicas. Goiânia Oriente 1981; *Gente e Literatura,* estudos literários. Goiânia: Universidade Católica de Goiás, 1983; *Memórias goianienses,* depoimentos. Goiânia: UCG, 1985; *Encantamento,* poemas. Goiânia: UCG, 1985; *Em defesa de Goiânia,* memória

histórica. Goiânia: UCG, 1988; *Quando os Flamboyants florescem,* poemas. Porto Alegre: Livraria Editora Acadêmica Ltda., 1988; A *Imprensa Matutina,* ensaio. Goiânia: CERNE, 1989. Prêmio Bolsa de Publicações José Décio Filho, da UBE – GO, Prêmio Clio de História da Academia Paulistana de História e Prêmio Assis Chateaubriand, da Academia Brasileira de Letras; *No Santuário de Cora Coralina,* ensaio. Goiânia: Editora Kelps, 1991; *Amor Diário,* poemas. Goiânia: Editora Kelps, 1992; *A Vida de Pedro Ludovico,* ensaio. Goiânia: Editora Kelps, 1992; *Atlético, Sentimento e Glória,* crônicas. Goiânia: Editora Kelps, 1995; *Crônicas da Campininha.* Goiânia: Editora Kelps, 1997; *Crônicas de Goiânia.* Goiânia: Editora Kelps, 1998; *Crônicas e outras histórias de O Popular,* antologia. Goiânia: Editora Gráfica O Popular, 1998; *Itinerário Poético Vila Boa – Pirenópolis,* poemas. Goiânia: editora Kelps, 1999; *Chão Goiano,* ensaios. Goiânia: Editora da Universidade Católica de Goiás, 1999. *Dicionário do Escritor Goiano.* Goiânia: Editora Kelps, 2000; *Aventuras de Zé Pequeno,* cordel. Goiânia, 2002; *Crônicas de Hidrolândia.* Goiânia: Editora Kelps, 2003; *A vida de Pedro Ludovico – Fundação de Goiânia:* Editora Kelps, 2004; *Semeadores de Futuros,* crônicas. Editora da UCG e Contato, 2005; *Crônicas Vilaboenses.* Goiânia: Editora Kelps, 2005; *Eu te Vejo, Goiânia,* história e poemas. Goiânia: Editora Kelps, 2005: *Crônicas de Mim.* Goiânia: Editora Kelps, 2006; *A Coluna Prestes em Goiás,* História/Depoimentos. Goiânia Kelps, 2008; *Crônicas de Pirenópolis.* Goiânia: Editora Kelps, 2009; *Amor Diário 2,* poemas. Goiânia: Editora Kelps, 2009; *Goiânia, Coração do Brasil,* infantil. São Paulo: Editora Cortez, 2010; *A Cidade do Ócio.* Fortuna Crítica Comemorativa dos 40 anos. 4ª edição. Goiânia: Editora Kelps, 2010. *Campininha das Flores e sua História* (produção coletiva). Goiânia: Editora Scalla, 2010.

Seu amor pela pesquisa fez com que caminhasse penetrando nos labirintos históricos de papéis perdidos pelo tempo, alcançando o objetivo desejado, quando, em 1973, foi Menção Honrosa no concurso do Sesquicentenário da Independência, com o livro, *General Curado – Estudos Biográficos.* Em 1978, vem à luz a *Biografia e História de Silva e Souza,* que relata feitos de um homem que honrou o nosso passado como representante legal da Província de Goiás, e seu nome encontra-se inscrito na pedra da historiografia goiana.

Não parou sua pesquisa. Coordenou e executou o projeto do primeiro jornal de Goiás, de que se tem notícia, de Meia-Ponte, hoje, Pirenópolis, a decantada *Matutina Meiapontense.* Trata-se do 4º jornal editado no Brasil, que o nobre goiano, comendador Joaquim Alves de Oliveira, trouxe do Rio de Janeiro todo maquinário para a Província Goiana, por justa razão denominado *Pai da Imprensa Goiana.* Ressaltamos, ainda, que o autor do projeto, José Mendonça Teles, publicou em 4 volumes, fac-similares, que trazem fatos importantes de Goiás, pós-independência. Os volumes foram distribuídos para as entidades culturais, universidades e pesquisadores em geral.

Lutou e conquistou com sua habilidade costumeira, inteligência e sagacidade o tombamento de mais de duas dezenas de bens patrimoniais de Goiânia e de Goiás. Tudo, graças a sua profícua administração frente ao Conselho Estadual de Cultura.



Na poesia, *O Amor Diário,* se apresenta criativo, lírico e apaixonado, ao referir-se:

Tudo segue a linha da emoção:
meus olhos dentro dos seus,
seus olhos dentro dos meus.
— É a linguagem da paixão.

Seus livros de poesia têm sentimento profundo, abordando com carinho o amor, a amizade, a família e as saudades de épocas que ficaram na fumaça do tempo.

Sempre bem-humorado e de alegria contagiante, em nossas viagens culturais no interior goiano, ou mesmo em Natal, Recife, Salvador, Belém e Brasília, o poeta José Mendonça Teles gostava de declamar de sua lavra, o *Instante Seis,* poema erótico e sempre aplaudido pelos ouvintes. Ei-lo:

Quero você na horizontal
de meu desejo vertical,
dilatada na pupila de minhas
mãos sedentas,
apalpando mistérios e volúpias.

E quando a noite descer
neste quarto
minguante de mim,
ainda restará um terço
crescente, rígido e penetrante
na colcha do lençol
estendido no desejo
das horas intermináveis.

O renomado crítico de literatura, professor e doutor em Letras, poeta José Fernandes, exprime:

As imagens do poema "Instante seis" são lapidares: expressam o mais genuíno desejo de ser, mediante o mais metafísico erotismo. É o erotismo que se configura como o mais elevado grau de afirmação da existência, essencialmente fugas; mas que, como fica claro na segunda estrofe, é a firmação da vida para além da morte.

Quando cronista do jornal "O Popular", uma de suas crônicas tornou-se referência. Cantada e declamada nas escolas e encontros culturais: "Ser Goiano". Muito apreciada em Goiânia e no interior do Estado.

Incentivou novos talentos, com prefácios, orientações, mostrando o árduo e benéfico caminho do fazer literário.

De fronte ao painel do IHGG: Alessandra, Geraldo Coelho Vaz e Giovana Teles

Casado com Ana Maria, companheira e revisora de seus textos, o casal deixou duas filhas professoras, Giovana e Alessandra. Essa última, artista plástica reconhecida, com

exposições coletivas e individuais nas principais galerias brasileiras e estrangeiras.

Segundo a professora e filóloga Nelly Alves de Almeida, sua amiga nas caminhadas literárias, o cidadão José Mendonça Teles, *além de tudo, é um profundo admirador do espírito e da inteligência.*

José Mendonça Teles, sempre foi um homem obstinado e determinado nos seus projetos, defendeu com veemência os interesses de Goiás e da cultura brasileira. Perdemos, não só um amigo, mas uma pessoa influente e dedicada, que jamais o tempo irá apagar o brilho de sua imagem.

A ele, nossa alegria de um tempo de boa convivência. Que os céus na sua bondade acolham o poeta para maior encaminhamento junto aos anjos e arcanjos com suas harpas, musicar e cantar o hino de Goiás.

Referências:

TELES, José Mendonça. *Dicionário do Escritor Goiano*. Editora Kelps. Goiânia, 2008.

VAZ, Coelho. *Rastro Literário*. Ed. Kelps. Goiânia, 1991.

_____. *Academia Goiana de Letras (história e antologia)*. Editora Kelps, 2008.

Ursulino Leão

– o prosador goiano –

Ursulino Leão

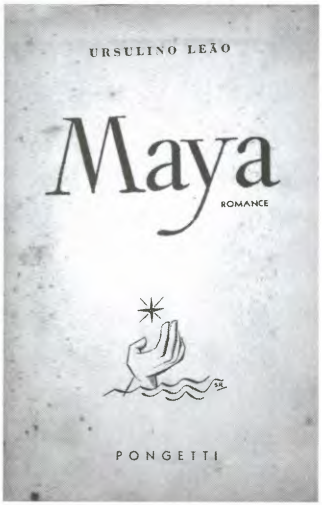
– o prosador goiano –

Certa ocasião, perguntei a Ursulino Leão como nasceu o seu gosto pela literatura e se sofreu alguma influência para alcançar essa estabilidade de grande prosador. No transcorrer da conversa, relatou-me que, no ano de 1940, estava cursando o ginasial no tradicional Ginásio Anchieta, na antiga Bonfim, hoje Silvânia, e tinha como professor de Português o renomado filólogo José Sizenando Jaime.

No início do segundo semestre, o professor pediu aos alunos que fizessem uma redação sobre as férias do mês de julho. Elogiado pelo mestre, como recompensa, o trabalho foi publicado no jornal do Colégio, *Voz Juvenil,* e, mais tarde, ele assumiu a gerência e direção do órgão de publicidade do referido estabelecimento de ensino.

Geraldo Coelho Vaz e Ursulino Leão

Concluindo o curso, transferiu-se para Belo Horizonte, onde fez o segundo grau, no Colégio Arnaldo, e ali, no *Jornal Ginásio Arnaldo*, publicou alguns poemas, reportagens, crônicas. Aventurou-se, ainda, em novo gênero da área literária, o conto.



Já cursando Direito nas Alterosas, com pouco mais de 25 anos, terceiroanista no curso de Ciências Jurídicas e Sociais, em 1949, vê o sonho realizado com a publicação, pela Editora Pongetti, do Rio de Janeiro, de sua primeira obra literária, o inspirado romance *Maya*.

O título do livro tem significado indiano, como sendo tudo na vida, mera ilusão. Por outro lado, *Maya* no dicionário da língua portuguesa, de Antenor Nascente, em sentido figurado, expressa *mulher carregada de enfeites de mau gosto.* O que não é o caso.

O autor consegue, no enredo da obra, prender o leitor do início ao fim, com a beleza do ato de descrever a paixão de Hermano pela querida namorada Maria do Rosário. Filha de um forte e abastado fazendeiro e da triangulação com o surgimento da pobre prostituta, Sibila, estuprada e violentada muito jovem, por seu pai, um nefasto e inescrupuloso ser humano, incestando a inocente.

Sua narrativa consta de temas vivenciais como questões políticas, envolvendo uma época de transformações no

mundo, principalmente na década de quarenta do século passado, quando comunistas se organizavam, e as lideranças eram buscadas no meio do proletariado, algumas das quais, nada sabiam, mas combatiam o capitalismo reinante nas discussões das esquinas, bares, quartos de hotéis e pensões.

Aquele mundo de personagens, muitos dos quais infelizes, povoando a mesma casa, a mesma pensão e sempre os mesmos bares. O comunista Edson Cascadura e o analfabeto garçom, Gonçalo, que se sentia mais importante que todas as autoridades letradas, por pertencer a uma renomada célula comunista em Belo Horizonte. É descrito pelo autor, com maestria, o orgulho que o garçom sentia por pertencer à combativa ideologia.

É um romance histórico, que documenta um tempo de luta ideológica, religiosa, entre velhos e jovens, mulheres e homens, em busca de um caminho da realidade, que não passava de mera ilusão.

É um livro que deve ser lido e vivido em cada momento, em cada minuto, pela sua natureza histórica, marcada pela vida brasileira de uma época que não vai muito longe.

Ursulino Leão foi meu vizinho na Rua 14, do Setor Oeste. Esta é uma oportunidade que manifesto, publicamente, os meus sentimentos de alta consideração. Lembro-me com satisfação, que tive o privilégio de ler *Maya,* que me foi emprestado pelo autor com a seguinte dedicatória*: À Lena, o primeiro exemplar do seu livro. Urbano. Rio, 20/08/49.*

Professora Lena, esposa, companheira e amiga, dedicou toda a sua existência ao amor e à compreensão. O céu abençoou o casal. Ela carinhosamente o chamava de Urbano.

Sou grato a ele pela confiança que me concedeu de folhear aquele relicário, guardado a sete chaves.

Ursulino nos deixou no anoitecer de 19 de outubro do ano de 2018. Goiás perdeu um dos mais brilhantes romancistas. Ele era, ainda, cronista, contista, jornalista, pesquisador, historiador e político, sobretudo. Um grande amigo e companheiro de todas as horas e de todos os momentos.

Escritores Bariani Ortencio, Luiz Fernando Valadares (presidente da UBE-GO), Peregrino Júnior (presidente da UBE-Rio) e Ursulino Leão

Defensor da área cultural. A exemplo, quando deputado estadual, apresentou projeto de lei que cria a disciplina *Literatura Goiana* na grade curricular do Estado. Passaram mais de três décadas e, infelizmente, nada aconteceu.

A Lei aprovada e sancionada, continua sem cumprimento. O grande sonho dos escritores goianos não passou de um volumoso bafejo dos ventos dos morros uivantes, ou da ventania dos poéticos cerrados goianos.

Pertenceu ao Instituo Histórico e Geográfico de Goiás. Por 16 anos, assumiu com brilhante abnegação e boa administração a Academia Goiana de Letras. Nesse período, reuniu as melhores inteligências brasileiras, em Goiânia, no Encontro Nacional das Academias do Brasil. Além de um marco histórico, abriu caminho ao escritor Bernardo Élis para seu ingresso na Academia Brasileira de Letras.

Ursulino Leão, editor Antonio Almeida (Editora Kelps) e Bariani Ortencio

Ursulino em vida espalhava seu bom humor nas conversas e nas narrativas.

Confidenciou-me, Paulo, seu filho, que Ursulino deixou pronto um livro de memórias contendo lembranças da infância, da adolescência, e de seus 94 anos de vida bem vivida. O livro, em fase de revisão, deve ser publicado o mais breve possível.

Ursulino Leão é referência para todos os goianos. A literatura goiana perdeu o grande mestre, mas o universo ganhou a grande estrela que brilha no firmamento. Até mais ver, amigo Ursulino.

Referências:

BORGES, Humberto Crispim. *Retrato da Academia Goiana de Letras*. Editora Oriente. Goiânia, 1977.

TELES. José Mendonça. *Dicionário do Escritor Goiano*. Editora Kelps. Goiânia, 2011.

VAZ, Coelho. *Academia Goiana de Letras (história e antologia)*. Editora Kelps. Goiânia, 2009.

Zoroastro Artiaga

– o grande historiador goiano –

Zoroastro Artiaga

– o grande historiador goiano –

A centenária e tradicional Curralinho, hoje a próspera Itaberaí, situada no rio das Pedras, em cujo leito extraiu-se diminuta quantidade de ouro, é uma das principais cidades do estado de Goiás.

A introdução do gado no território goiano e o aproveitamento das matas férteis, ladeando o referido rio que hoje corta a cidade, contribuíram para a formação de pastagens para o criatório de rebanhos bovinos trazidos pelos primeiros pecuaristas, bem como razoável número de lavradores que tomaram posse das ricas terras para o cultivo de lavoura, principalmente o plantio de grãos.

Pertencente à região de Vila Boa de Goiás, já no século XVIII, existia um comércio firme entre os habitantes da região com a capital da Província, pois tratava-se de um dos arraiais mais próximos da sede administrativa, e a produção agrícola era consumida, não só em Curralinho, como também em Vila Boa.

Diversos historiadores viajantes relatam, com propriedade, em seus escritos, a importância do arraial, da religiosidade dos seus habitantes e da construção, embora pobre, da primeira capela de Nossa Senhora da Abadia do Curralinho.

Com o aumento da população e o seu progresso, a Assembleia Provincial elevou o arraial à categoria de Vila, conforme Lei nº 20, de 09 de novembro de 1868, com o

autógrafo do bacharel Ernesto Augusto Pereira, dirigente dos destinos de Goiás, e só instalada, quase vinte anos depois, no dia 05 de setembro de 1885.

A história registra e clareia os fatos históricos na sua caminhada pelo progresso e desenvolvimento e, no ano de 1924, o filho da terra, com representação na Câmara Estadual, coronel Benedito Pinheiro de Abreu, apresentou projeto, que foi aprovado, da mudança do nome da cidade de Curralinho para Itaberaí, que na língua Guarani significa *rio das pedras brilhantes.*

Matriz Nossa Senhora da Abadia, onde Zoroastro Artiaga foi batizado e aconteceu seu casamento (1917)

No final do século XIX e em todo o século XX, as autoridades e a população sempre se preocuparam com o ensino e a cultura de seus habitantes. Basta lembrar que professores residentes administravam e ensinavam alunos de ambos os sexos, melhorando o nível intelectual e artístico dos jovens domiciliados na cidade.

Itaberaí projetou-se no cenário como cidade preocupada com a riqueza, a economia e o desenvolvimento

cultural, o que fez surgir várias escolas, inúmeras associações recreativas e literárias, gabinetes literários, bibliotecas, bandas de música, academias de letras e artes, diversos jornais e um bom número de jornalistas que fizeram e vêm escrevendo a história da imprensa goiana.

Vale aqui mencionar o relato do historiador e mestre em História, professor Antônio César Caldas Pinheiro, itaberino de nascimento, em seu trabalho *Itaberaí, a antiga Curralinho*: "A imprensa em Itaberaí tem tido muitas inciativas, já em 1908, surge *O Repórter*, fundado por Zoroastro Artiaga".

É claro que as biografias relatadas pelos pesquisadores retratam a época, o meio, a profissão, que são as trajetórias para um abalizado estudo no contexto tempo e espaço.

A força irresistível ou influência astral fez do nosso primeiro encontro, em Goiânia, nos idos de 1960, laços de grande amizade que perdurou por toda a existência com o fundador do primeiro jornal de Itaberaí.

Conheci o professor e jornalista Zoroastro Artiaga, de uma visita que lhe fiz, em sua residência, à Rua 6, quase esquina com a Avenida Paranaíba, para lhe presentear com *Vultos Catalanos*, primeira edição (1959), livro em que prestei justa homenagem e colaboração aos festejos do primeiro centenário de Catalão.

Desse encontro, recebi do renomado jornalista, em Catalão, onde eu residia, correspondência animadora que guardo com o maior carinho, com os dizeres seguintes:

> Vultos Catalanos do meu prezado ilustre amigo, o jornalista Coelho Vaz, de tradicional família goiana, que tenho o prazer de conviver, é uma obra que deve ser imitada por todos os jovens talentosos e forçar a pesquisa de nossos ilustres coestaduanos.

Zoroastro Artiaga nasceu na cidade de Itaberaí, no dia 29 de maio de 1891, no Largo da Matriz, número 4, filho de Virgílio Pessoa Artiaga e Jovita Inocência Fortunata de Lima Artiaga.

Casa onde Zoroastro Artiaga nasceu – Itaberaí (GO)

Foi batizado:

> Aos vinte e quatro de junho de mil oitocentos e noventa e um, desta freguesia de Curralinho. Batizei solenemente a Zoroastro, nascido a vinte e nove de maio último filho legítimo de Virgílio Pereira Artiaga e de dona Jovita Inocência Fortunato de Lima Artiaga, sendo seus padrinhos o capitão Hermenegildo

> Raimundo do Nascimento Lima e dona Ana Pereira de Abreu. Para constar o presente termo. O vigário Cônego Cândido Marinho D'Oliveira.

Seus estudos iniciais aconteceram na cidade de seu nascimento com o mestre Francisco de Assis Correia. Logo após, transfere residência para a capital do Estado, Cidade de Goiás, e passa a estudar na escola do Professor José Antônio de Jesus, e o secundário, no tradicional Lyceu Goiano.

Com o aparecimento, em sua terra natal, do professor Sebastião Ferreira Rios, com o intuito de fundar o *Ginásio Preparatório Curraliense*, Zoroastro retorna a sua cidade e estuda com o mestre as matérias necessárias para o conhecimento geral, muito comum naquela época, como o Português, Francês, Latim, Aritmética e Geografia.

Na sua infância e pré-adolescência, viajou e ajudou nos serviços do seu progenitor que, no início do século XX, mantinha uma loja de tecidos e armarinhos em Curralinho, que buscavam mercadorias no sul do Estado e, muitas vezes, mascateavam ou permutavam mercadorias com outros bens nas fazendas e arraiais próximos à cidade.

Além de sua irmã, Zoroastro teve um irmão, Horácio, que faleceu no início do século XX, ainda criança, deixando cicatrizes na sua personalidade, que durou por toda a vida. Sempre se referia ao irmão, como o companheiro e confidente que nunca teve.

Vale aqui mencionar que o nosso biografado era um jovem participativo, atuante, liderança nata, curioso e, nas horas vagas, lia e estudava, inteligente e amante da música,

autodidata, tocava diversos instrumentos de sopro e cordas, atuando na vida social de sua cidade.

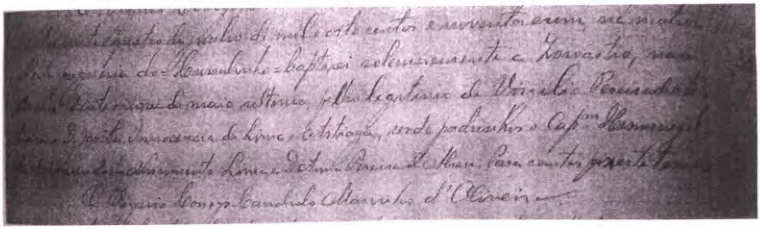
O início da carreira como jornalista data de 1908, quando surge, em 15 de março do dito ano, o periódico *O Repórter*, primeiro jornal da cidade de Curralinho, literário, crítico, humorístico e noticioso, que ele funda, dirige e distribui, tendo como colaboradores seu pai, Virgílio Artiaga, e Manuel F. de Faria.

O jornal teve vida efêmera e marcou época na cidade. É bom lembrar que o jornalista, quando da sua fundação, tinha pouco mais de 17 anos de idade e já demonstrava grande amor às artes e à carreira jornalística.

Bom orador, nos acontecimentos importantes da cidade, daquele pequeno núcleo social, pobre em número de habitantes, sempre era ele o indicado a fazer os discursos de recepção às autoridades estaduais, federais e eclesiásticas.

Era um jovem dedicado à família, buscando no trabalho a preocupação em alcançar maiores conhecimentos e bons relacionamentos com pessoas de projeção para atingir uma vida melhor, mas sempre encontrava empecilhos e obstáculos na luta e esforços para ascender melhores dias pela frente.

Através de sua caminhada e acreditando no futuro, em 1913, consegue emprego de escriturário na repartição geral dos Telégrafos, na Cidade de Goiás e, um ano depois, pela brilhante inteligência e responsabilidade, passa a exercer as funções de telegrafista.



Certidão de nascimento de Zoroastro Artiaga

Na antiga capital do Estado, conhece Aracy Monteiro Guimarães, nascida naquela cidade, filha do jornalista Benedito Monteiro Guimarães (em 1905, funda com o irmão Honestino Monteiro Guimarães, em Bela Vista de Goiás, o jornal *Folha do Sul*) e de Joaquina da Silva Moreira.

Contrata o casamento, que ocorre em Curralinho, no sobrado da praça, unindo-se as duas famílias, no dia 12 de outubro de 1911, sendo testemunhas os coronéis João Elias da Silva Caldas, José Martiniano de Faria e dona Elza Macedo.

Do casamento, nasceram os seguintes filhos: Floracy, Otávio e Geralda. A primeira cursou o Normal (professora), no Colégio Nossa Senhora Mãe de Deus, em Catalão, brilhante jornalista, correspondente, cronista e articulista em diversos jornais goianos. Figurou como colaboradora do *Novo Horizonte*, de Catalão, fundado e propriedade de seu pai e também, *O Lar*, jornal de Oscarlina Alves Pinto (1926), destinado ao incentivo à cultura, com quadro de talentosas jovens goianas, como Marilda Palínea, Laila Amorim, Graça Machado, Ofélia do Nascimento, Graciema Machado, Leodegária de Jesus e outras que muito contribuíram para o engrandecimento da história de Goiás.

O seu filho, bacharel em Direito, exerceu a profissão por muitos anos e, por concurso público na área federal, passou a residir em Belo Horizonte, onde, mais tarde, aposentou-se.

A terceira filha, Geralda, estudou no Colégio Nossa Senhora Mãe de Deus, em Catalão, concluiu o curso Normal e, durante muitos anos, foi uma abnegada professora.

Alguns anos depois, o nosso biografado é transferido para a cidade de Catalão, na qualidade de telegrafista e, em 30 de agosto de 1922, funda o *Novo Horizonte,* fechando suas portas no ano de 1927. Além de Zoroastro, o jornal contava com figuras expressivas e respeitadas na época, no campo jornalístico e literário, como Henrique Silva, Leo Lynce, Câmara Filho, Ricardo Paranhos, Rodolfo Campos e sua filha Floracy Artiaga, brilhante jornalista que, também, auxiliava na administração do jornal.

Muitos outros nomes que colaboraram com artigos no *Novo Horizonte*, fizeram do jornalismo a luta permanente para projetar boa imagem de Goiás, ou do Brasil Central, nos centros brasileiros de maior progresso e desenvolvimento.

Em Catalão, nos anos de 1924/1929, foi nomeado para ocupar o cargo de escrivão da Segunda Delegacia Regional do Estado e, ao mesmo tempo, ao lado do pai, exerceu a advocacia na condição de provisionado.

Foi sempre um ardente divulgador de Goiás na imprensa nacional, preocupado em discutir as questões e riquezas do Estado, razão pela qual, muitas vezes, era amado e odiado pela sua vigorosa pena, que elogiava quando necessário e criticava quando precisava, principalmente as pessoas do comando político local ou estadual.

Virgílio Pereira Artiaga, pai de Anita, Horácio e Zoroastro

Zoroastro Artiaga, de pé, o segundo, da esq. para dir.

Seu espírito combativo fazia com que fosse sempre perseguido, sofrendo na própria pele acontecimentos ocorridos na calada da noite, invasão na redação do *Novo Horizonte*, por jagunços, a mando das autoridades políticas das oligarquias dominantes, empastelando a gráfica, quebrando móveis e máquinas, peças necessárias para um bom trabalho no desempenho das edições do jornal.

Defendia com artigos bem-fundamentados na imprensa, na luta pela ligação ferroviária no estado de Goiás, formando comissões nos municípios de Patos de Minas, Patrocínio, Monte Carmelo e outras cidades mineiras, com o objetivo de dar continuidade e penetração da estrada de ferro no território goiano, no encontro da Rede Mineira de Viação, que estava paralisada em Formiga, com a Estrada de Ferro de Goiás, em Catalão.

Fundação do Jornal *Novo Horizonte*, em Catalão. De pé – da esquerda para direita: Maestro Frederico Campos, e o último, Olegário Vaz. Sentados – primeiro: Galeno Paranhos, terceiro: Zoroastro Artiaga.

Amigo do governador e médico, Pedro Ludovico Teixeira, lutou para a conclusão da ligação ferroviária de Leopoldo de Bulhões a Goiânia e por sua sugestão e acatada pelo governador, as homenagens tributadas aos filhos ilustres que ajudaram a construir a memória goiana, como a do poeta Ricardo Paranhos, a do jornalista Honestino Guimarães e a do Senador Canedo, nas estações ferroviárias que ligam as duas cidades.

Articulista e sempre presente na luta pela integração da região, não media esforços com seus trabalhos e publicações nos jornais do Triângulo Mineiro, como o Araguari, *O Triângulo, Gazeta de Araguari, Gazeta de Uberaba, Lavoura e Comércio, Correio Católico* e outros não menos importantes. Em Goiás, colaborou com diversos jornais da antiga capital, de Goiânia e cidades do interior: Luziânia, Anápolis, Catalão, Rio Verde, Ipameri, Jataí, Orizona, Pires do Rio, Buriti Alegre, Corumbaíba e nas revistas *A Informação Goyana e Oeste.* A primeira, dirigida pelo goiano, nascido em Silvânia, Henrique Silva, publicada no Rio de Janeiro, num período de 18 anos ininterruptos, de 1917 a 1935, a expensas do jornalista e diretor, distribuindo-a em todo o território nacional.

Preocupado com a preservação documental da historiografia goiana, a convite de José Honorato da Silva e Souza, na Cidade de Goiás, em 17 de outubro de 1932, foi fundado o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, sem fim lucrativo e com finalidade de ser o guardião da memória histórica e geográfica de Goiás, que teve a participação importante de talentosos intelectuais, como Francisco Ferreira dos Santos

Azevedo, Augusto da Paixão Fleury Curado, Albatêneo de Godoy, Alfredo de Faria Castro, Luiz do Couto e outras figuras importantes no contexto cultural goiano.

Um ano depois, o Instituto Histórico e Geográfico de Goiás é transferido para Goiânia, e o historiador Zoroastro Artiaga torna-se o quarto presidente da Instituição cultural, no período de 07 de setembro de 1956 a 20 de fevereiro de 1962.

Galeria dos Presidentes do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás. A quarta foto: Zoroastro Artiaga

Membro da Academia Goiana de Letras, ocupou a Cadeira número 16, cujo Patrono é uma justa lembrança a um dos mais brilhantes goianos, Henrique Silva, sendo o sócio-fundador e ocupante da aludida Cadeira, o jornalista Gercino Monteiro Guimarães, irmão da inteligente Aracy

Monteiro Artiaga, companheira e de convívio eterno de Zoroastro, juntos na alegria e nas lutas até os últimos dias de suas vidas.

Na qualidade de presidente da Academia Goiana de Letras, eleito e empossado para o biênio 1957/59, na sua administração, no Bazar Oió, foram entregues os prêmios conferidos pela entidade à escritora Regina Lacerda, com o livro *Vila Boa;* ao escritor Bariani Ortencio, com o livro de contos *O que vai pelo Sertão;* e a Gilberto Mendonça Teles, com os livros de poesias *Alvorada* e *Estrela D'Alva.*

Com o seu falecimento em Goiânia, no dia 26 de fevereiro de 1972, sua família fez doação de diversos pertences de Zoroastro Artiaga à Academia Goiana de Letras, dentre eles, o seu chapéu que hoje serve de urna para as votações dos nossos imortais.

Além de pertencer aos quadros da União Brasileira de Escritores de Goiás, foi, também, um dos fundadores da Associação Goiana de Imprensa. Por merecimento, recebeu a carteira de jornalista sob o número 102 e, por muitos anos, solidário que sempre foi, emprestou para a sede mesas, cadeiras e todo o mobiliário necessário para o bom funcionamento da entidade.

Participou da primeira diretoria eleita, tendo como presidente o escritor e jornalista Albatênio Godoy e na Comissão de Publicidade, João Monteiro, Inácio Xavier da Silva e o nosso biografado.

Zoroastro Artiaga, jornalista respeitado, militava na imprensa goiana numa época de grande atraso, onde defendia nos seus artigos ideias e princípios, combatia os

erros administrativos, batalhava por um ensino melhor e melhores vias de transportes, principalmente a ferroviária, criticava o descaso com a saúde pública e, ao mesmo tempo, divulgava pelos jornais brasileiros as riquezas naturais do território goiano.

20 de janeiro de 1972. Sentados, os acadêmicos, José Xavier de Almeida Júnior, Ursulino Tavares Leão, Eli Brasiliense Ribeiro, Altamiro de Moura Pacheco, Dário Délio Cardoso, Zoroastro Artiaga e Gelmires Reis. De pé, Waldomiro Bariani Ortencio, Gerson de Castro Costa, Pedro Celestino da Silva Filho, Ignácio Xavier da Silva, José Peixoto da Silveira, José Lopes Rodrigues e Basileu Toledo França

Com a prática adquirida nos fóruns de Catalão e cidades vizinhas, graças ao trabalho advocatício ao lado de seu pai, sua verve de grande polemista nos jornais foi transferida para os autos dos processos, defendendo os sagrados princípios das leis e do direito. Retornando à Cidade de Goiás, inicia o curso de Direito, pela Escola de Direito de Goiás, bacharelando-se em 1933.

Galeria dos presidentes da Academia Goiana de Letras. Sétima foto: Zoroastro Artiaga. Chapéu de Zoroastro que serve de urna nas eleições acadêmicas

Fato de real importância em sua vida, um ano após sua formatura, torna-se professor de Direito Civil da supracitada faculdade, pelo seu conhecimento jurídico, competência e amor à justiça, embasado nos usos e costumes, pilastras do Direito e das leis.

Com o advento da nova capital, fruto da luta e competência de Pedro Ludovico Teixeira, transfere residência para Goiânia e recebe o apoio do interventor goiano, passando a exercer cargos importantes na administração estadual. Defensor de Goiânia, luta e escreve nos jornais goianos, do Triângulo Mineiro, Rio de Janeiro e São Paulo, procurando consolidar a vida administrativa da capital do Estado de Goiás. Ao mesmo tempo, chama a atenção para a mudança da Capital Federal, localizada no Planalto Central, mais precisamente no quadrilátero demarcado pela Comissão Cruls, bem no centro do Brasil.

Identificou e lutou com coragem pelo desenvolvimento de Goiânia, escreveu e defendeu o ideal mudancista e, muitas vezes, convidado a trabalhar fora de Goiás, dizia que jamais deixaria o Estado de seu nascimento.

Aos 80 anos, continuava a proferir palestras

Prédio do Museu Estadual Zoroastro Artiaga. Praça Cívica. Goiânia-GO

Confessava aos amigos mais íntimos que seu registro de nascimento era o território goiano.

Trabalhava na defesa de Goiás, justificando suas publicações na imprensa, demonstrando a necessidade de propagar as riquezas naturais da vasta região do Brasil Central, desconhecidas pelas autoridades brasileiras e que, exploradas, viriam melhorar o progresso do Centro do País.

Foi um estudioso da pesquisa histórica, registrando em seus trabalhos os conhecimentos adquiridos nos diversos cursos realizados dentro e fora do Estado, com especialização em Geologia, Mineralogia, Zoologia, Botânica e Paleontologia.

Depois dos cursos estudados com a devida dedicação, Zoroastro navegou nas águas cristalinas no barco do conhecimento das riquezas naturais do Estado. Para tanto, diversas viagens empreendeu em todo o território, de caminhão, carroção, a pé, de trem de ferro, a cavalo enfim, todas as modalidades de transportes em busca de pedras, minérios, rochas, adereços dos índios das terras dos Goiases, relação de animais do cerrado, pequenas aves empalhadas, fatos de acontecimentos importantes e solenidades de inaugurações da época, livros históricos de goianos e sobre Goiás, coleções de jornais dos municípios do Estado e tudo o que se refere à memória e identidade regional.

À medida que coletava peças da historiografia goiana, o apaixonado historiador escrevia seus livros relativos às riquezas de Goiás e, ao mesmo tempo, denunciava nos jornais de maior circulação do Estado e dos grandes centros brasileiros, o desvio dos minérios goianos para o Japão, os Estados Unidos da América e países da Europa. Destacando a exploração e comercialização do quartzo (cristal de rocha) por ser de melhor qualidade do que os encontrados em outras terras brasileiras.

Afirmou, ainda, numa visita a Niquelândia, ter localizado grande quantidade de níquel e, na coleta das amostras, certificou a descoberta de cobalto e radium em grande proporção e tudo usado na indústria bélica.

No ano de 1942, foi construído o prédio em estilo *art déco*, na praça Cívica, hoje praça Pedro Ludovico Teixeira, pelo polonês Kazimierz Bartoszewicz, inicialmente destinado a abrigar a administração dos trabalhos do Departamento de imprensa e Propaganda (DIP). Quatro anos depois, Zoroastro é nomeado diretor do Departamento Estadual de Cultura (hoje, Secretaria Estadual de Cultura) e toma posse do prédio, sendo o idealizador e o primeiro diretor do Museu Estadual, instalando-o no referido edifício, na sua profícua administração.

Tinham o DEC e o Museu as seguintes finalidades: estimular e apoiar a criação estética e cultural do Estado; promover festas populares e folclóricas; promover exposições temporárias e permanentes de obras de artes; fomentar o turismo; abrir as portas para visitações de alunos das redes pública e privada, bem como dos goianienses e goianos residentes nas cidades do interior; promover estudos de geologia, fauna e flora, antropologia, arqueologia, paleontologia, etnografia, botânica, silvicultura, envolvendo, assim, um trabalho de vários conhecimentos, compatível com a educação e as artes em geral.

Ao assumir a direção do Museu Estadual, transferiu para essa Instituição todo o seu acervo particular, como os documentos históricos, pedras, rochas, objetos de exposições, recursos naturais, peças do folclore goiano e tudo o que se refere à história de Goiás, a exemplo, a hélice do primeiro barco a vapor a trafegar no rio Araguaia.

Ainda em vida, recebeu a grande homenagem do então deputado estadual, Eurico Barbosa dos Santos, que apresentou na Assembleia Legislativa de Goiás, projeto denominado Museu Estadual Zoroastro Artiaga, que prontamente foi sancionado pelo governador da época, Mauro Borges Teixeira.

Mauro Borges, Pedro Ludovico, Zoroastro Artiaga e o jornalista Walter Menezes, em conversa amigável

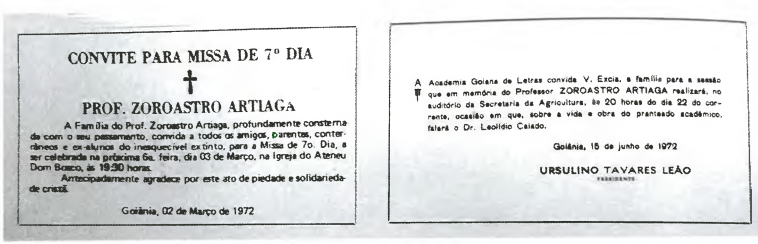
Residência em que foi velado o corpo de Zoroastro Artiaga

O seu falecimento ocorreu no dia 26 de fevereiro de 1972, saindo o fénetro de sua residência à Rua 13, número 145, Centro, às 17 horas, para o sepultamento no jazigo da família no Cemitério Santana. Nesse dia, Goiás sofreu a grande perda de um dos seus mais ilustres filhos da terra dos goianos.

O nosso biografado era uma figura fantástica, idealista, calmo no ato de conversar, intransigente nas suas ideias e sem ambições financeiras. Basta lembrar que vivia sempre de pagamentos de aluguéis e não se preocupava em aquisição da casa própria.

No final da década de sessenta, do século passado, fomos vizinhos na ocupação de apartamento no prédio Maria Luci, de propriedade do amigo e fazendeiro, Lourival Lobo, mais conhecido por Juju Lobo, à Rua 9, centro de Goiânia, e nossa convivência alicerçou-se em uma grande e respeitável amizade. Sobretudo, pude beber de sua sabedoria e acompanhar sua preocupação em transferir o seu conhecimento para os mais jovens e com entusiasmo falava sobre o futuro de Goiás, que começava a ter a ascensão merecida.

Importante se faz lembrar que numa das últimas vezes em que estive com dona Aracy, companheira inseparável do Mestre Zoroastro, antes dela se transferir para Belo Horizonte, em companhia de seu filho Otávio, procurou-me na qualidade de profissional da advocacia para receber uma pequena importância no Ipasgo, deixada pelo seu inesquecível marido.



CONVITE PARA MISSA DE 7º DIA

†

PROF. ZOROASTRO ARTIAGA

A Família do Prof. Zoroastro Artiaga, profundamente consternada com o seu passamento, convida a todos os amigos, parentes, conterrâneos e ex-alunos do inesquecível extinto, para a Missa de 7o. Dia, a ser celebrada na próxima 6a. feira, dia 03 de Março, na Igreja do Ateneu Dom Bosco, às 19:30 horas.

Antecipadamente agradece por este ato de piedade e solidariedade cristã.

Goiânia, 02 de Março de 1972

A Academia Goiana de Letras convida V. Excia. a família para a sessão que em memória do Professor ZOROASTRO ARTIAGA realizará, no auditório da Secretaria da Agricultura, às 20 horas do dia 22 do corrente, ocasião em que, sobre a vida e obra do pranteado acadêmico, falará o Dr. Leolídio Caiado.

Goiânia, 15 de junho de 1972

URSULINO TAVARES LEÃO
PRESIDENTE

Convite de missa de 7º dia do Prof. Zoroastro Artiaga

Zoroastro Artiaga, Regina Lacerda e Nice Monteiro Daher, ambas da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás

Jazigo da família, no Cemitério Santana, onde foi sepultado o corpo do Mestre Zoroastro Artiaga

Ao final do seu trabalho, antes de sua viagem, esteve em minha casa para acerto de honorários, os quais me declinei em recebê-los.

Antes de sua transferência domiciliar para a capital mineira, chamou-me em sua residência e me presenteou com diversos livros de autores goianos e sobre Goiás; coleções de jornais do Estado de Goiás, os quais guardo com o carinho

merecido e que muito têm me ajudado nas minhas pesquisas, como também aos estudiosos historiadores goianos.

No centenário de seu nascimento, muitas homenagens foram prestadas ao grande divulgador dos recursos minerais encontrados em Goiás, e sua sobrinha, a historiadora Nice Monteiro Daher, em nome da família, fez uma rica doação para a Academia Goiana de Letras, de documentos, diplomas, medalhas, a exemplo: a *Medalha Brigadeiro José Vieira Couto Magalhães,* da Sociedade Geográfica, concedida pelo governo de São Paulo. Diploma e medalha pela *Standart Oil Company of Brazil* (Prêmio Esso), da rádio Nacional do Rio de Janeiro; *Medalha Clóvis Bevilácqua*, do Ministério da Educação, no ano de 1957, e muitas outras honrarias merecidas.

Jornalista polêmico, escritor nato, pesquisador e historiador invejável, brilhou na defesa das riquezas goianas, mostrando o atraso do Estado e a carência de investimentos econômicos e sociais. Personalidade de um homem livre, sóbrio, humilde e sempre construindo um discurso incentivador ao amor por Goiás.

A grande paixão do professor Zoroastro Artiaga era a pesquisa. Passava noites em claro refazendo anotações e escrevendo os dados obtidos e coletados para a publicação de seus livros. Todos publicados a suas expensas. Escreveu diversas obras históricas como: *Monografia Corográfica e histórica da nova capital de Goiás (1946); Geologia Econômica de Goiás (1947); Riqueza Vegetal do Planalto Goiano e do Vale do Tocantins (1947); Dos Índios do Brasil Central (1947); Minérios de Radium de Goiás (1947); Síntese da história e da Geografia de Goiás (1948); Contribuição para a História de Goiás (1949); Geografia econômica, histórica e descritiva do Estado de Goiás (1949); Geografia econômica, histórica e descritiva do Estado de Goiás (1951); Riquezas*

de Goiás – Geologia econômica (1961); História de Goiás primeiro e segundo tomos (1961); ainda Revolução de 1909; Etnologia Goiana de Rios Araguaia e Tocantins.

Sobre ele, o jornalista Jávier Godinho, no *Diário da Manhã*, em 4 de setembro de 1999, escreve: *Zoroastro veio na contramão do tempo.*

É claro que trouxe a luz dos seus conhecimentos de verdadeiro guerreiro e defensor das riquezas naturais de Goiás; grande patriota que amou Goiás e o Brasil, como seus verdadeiros filhos.

Ao finalizar este trabalho, formulamos aqui, pedido às autoridades para reedições das obras históricas do mestre Zoroastro Artiaga, uma vez que é difícil encontrá-las, pois todas as edições estão esgotadas, e os pesquisadores têm dificuldades nas suas localizações, e sabemos sem erro dúvidas, que suas obras são as maiores riquezas levantadas no Brasil, principalmente no Estado de Goiás.

Referências:

BORGES, Humberto Crispim. *Retrato da Academia Goiana de Letras*. Editora Oriente. Goiânia, 1977.

CAMPOS, Maria das Dores. *Gente nossa*. Gráfica de Goiás e Editora do Cerne. Goiânia, 1985.

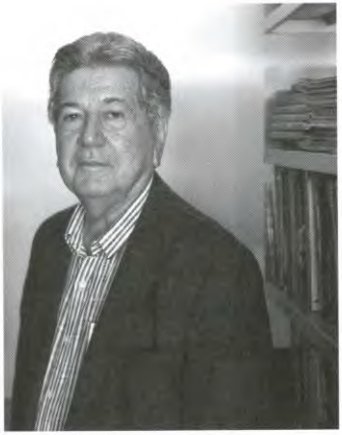
TELES, José Mendonça. *Dicionário do Escritor Goiano.* Editora Kelps. Goiânia, 2011.

VAZ, Coelho. *Rastro Literário*. Editora Kelps. Goiânia, 1991.

_____. *Academia Goiana de Letras (história e antologia).* Editora Kelps, 2008.

SOBRE O AUTOR

GERALDO COELHO VAZ



Nasceu em Goiânia (Campinas) no dia 24 de setembro de 1940, filho de Glicério Coelho e Maria Vaz Coelho. Fez seus estudos iniciais em Catalão e, em 1966, concluiu o curso de Direito, pela Faculdade de Direito da Universidade Católica de Goiás, hoje PUC-GO. Professor de Direito Penal e Processual Penal na Escola dos Oficiais da Polícia Militar do Estado de Goiás, repórter da *Folha de Goyaz*, foi Presidente da União Brasileira de Escritores de Goiás; Secretário de Cultura do Estado, um dos fundadores do Grupo de Escritores Novos (GEN) e fundou os jornais *A Voz do Escritor*, *Mutirão Cultural* e *Painel Cultural*.

Pertence a diversas entidades culturais com várias premiações, participou de muitas antologias brasileiras e estrangeiras e presidiu a Academia Goiana de Letras.

Em 2004, foi agraciado com o *Prêmio Clio de História*, pela Academia Paulistana de História, com o livro *Senador Canedo — vida e obra*, e recebeu a comenda Grão-mestre da Ordem do Mérito Anhanguera, do Estado de Goiás,

no grau *Comendador*, pelos relevantes serviços prestados à cultura goiana. Atualmente é presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

Tem publicadas as seguintes obras:

Vultos Catalanos (antologia), 1959; *Poemas da Ascensão* (poemas), 1963; *Mensagem livre* (poemas), 1971; *Águas do Passado* (poemas), 1986; *Re(vi)vendo* (ensaio), 1987; *Corpo Noturno* (poemas), 1990; *Rastro literário* (crônicas) 1991; *Caminhos de sempre* (poemas), 1996; *Memória do Poder Judiciário de Goiás* (pesquisa histórica), 1998; *Diário de Tropeiro* (poemas), 1999; *Literatura goiana — síntese histórica* (pesquisa literária: português, francês e espanhol), 2000; *Aquino Porto e a industrialização em Goiás* (pesquisa histórica), 2001; *Goiânia - 69* (poemas), 2002; *Senador Canedo — Vida e Obra* (pesquisa histórica), 2004; *Coelho Vaz — Poemas Reunidos* (poemas) 2004; *Seleta Acadêmica* (antologia), 2005; *Força literária* (crônicas), 2005; *Vinte poemas e desenhos iluminados*, 2006; *O outro caminho* (poemas), 2007, prêmio Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, Prefeitura de Goiânia e UBE-GO; *Academia Goiana de Letras (história e antologia)*, editora Kelps, 2008; *Entrevistas de um tempo* (entrevistas), editora Kelps, 2011; *Antigas lembranças e outros caminhos - Anciens Souvernirs et d'Antores Chemins* (poemas português-francês), editora Kelps, 2012; e *Judiciário Goiano* (pesquisa histórica), editora Kelps, 2014.

Em apoio à sustentabilidade e à preservação ambiental, a EDITORA KELPS declara que este livro foi impresso com papel produzido de florestas cultivadas em áreas degradadas e que é inteiramente reciclável.

Este livro foi impresso na oficina da EDITORA KELPS,
no papel: Off-set 75g/m², composto nas fontes
Minion Pro, corpo 12 e Abadi MT Condensed, corpo 17
Outubro, 2019

A revisão final desta obra é de responsabilidade do autor

"Comemorando o transcurso do primeiro centenário da cidade de Catalão, o sr. Geraldo Coelho Vaz publicou um livro intitulado *Vultos catalanos*. É uma coletânea enfeixando produção literária de pessoas nascidas, residentes ou que hajam morado na cidade de Catalão, com informações biográficas dos autores. Num estado como o nosso onde tudo está por fazer, especialmente no campo de trabalho intelectual, obra como essa tem que ser recebida sob os maiores aplausos. Queremos registrar que trouxe ele uma contribuição valiosa para nossa vida cultural, tão pobre. Parabéns Coelho Vaz. Continue o trabalho que Goiás agradece." – *Bernardo Élis*

* * *

"*Vultos catalanos* do meu prezado e ilustre amigo, o jornalista Coelho Vaz, de tradicional família goiana, que tenho o prazer de conviver, é uma obra que deve ser imitada por todos os jovens talentosos e forçar a pesquisa de nossos ilustres coestaduanos". – *Zoroastro Artiaga*

* * *

"Coelho Vaz, autor de *Vultos catalanos* me fez reviver num gesto carinhoso e de ternura a saudade da velha comuna de ontem. Justa, também, a homenagem que se presta aos vivos que cooperam e colaboram para o progresso e engradecimento do Catalão de Hoje" – *Demóstenes Cristino*

* * *

"O timbre evocativo desta nova poesia do escritor Geraldo Coelho Vaz repercutiu no meu peito, acordando velhos sons de polaques e campainhas, da tropa de meu pai, que nele se amarraram quando decidiram calar-se. E fui indo, de um poema ao outro, como o tropeiro que vai de um pouso ao seguinte, acompanhando, *pelos trieiros dos sonhos*, passo a passo, o ritmo da jornada, insubmissa aos acentos da pressa. Geraldo Coelho Vaz tange versos, mas nunca foi tropeiro. Glicério Coelho, seu pai, o foi (e poeta também). Assim, *Diário de Tropeiro*, tanto pode ser algumas cenas da meninice do Coelho Vaz, em Catalão, como o eco de suas conversas com o pai." – *Ursulino Leão*

PREFEITURA DE GOIÂNIA
Cultura

9ª edição
GOIÂNIA EM PROSA E VERSO
COLEÇÃO

Editora da PUC GOIÁS

Prime EDITORA GRÁFICA

EDITORA KELPS
@editorakelps

ISBN: 978-85-400-2926-2
9 788540 029262